Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3881unse

No. 9-12 unavailable

no XXXVIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de setembro de 1962 – N. 8

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Cairbar Schutel	*Redação*
O Pastiche	*Carlos Imbassahy*
Esclarecimentos Sôbre os Nossos Debates Com o dr. Osmard . . .	*V. O. Casella*
Parapsicologia	*Aureliano Alves Netto*
Estudos Doutrinários	*Deolindo Amorim*
Análise de Sete Artigos Publicados Sôbre Arigó	*Prof. J. Herculano Pires*
Jesus dos 13 aos 30 anos, de Francisco Klörs Werneck	*Philemon*
Das Irmãs Fox a Arigó	*Altivo Ferreira*
Serões Bíblicos	*Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Seara dos Médiuns

1.a EDIÇÃO

E' mais uma valiosa obra do Espírito de Emmanuel, significativa homenagem a «O Livro dos Médiuns», que no ano corrente perfaz um século de existência.

Deste livro da Codificação kardequiana são estudados por Emmanuel inúmeros textos, em torno dos quais êle tece, com aquela clareza e precisão que o caracterizam, luminosos e oportuníssimos comentários e esclarecimentos.

Todos irão apreciar o conteúdo de «Seara dos Médiuns», cuja utilidade, se é evidente para os médiuns, o é também para os espiritistas em geral, sejam êles diretores de Grupos, doutrinadores, experimentadores ou simples estudiosos

Há muito que aprender nesta nova obra de Chico Xavier, cujos excelentes ensinos devemos reler, meditar e, sobretudo, aplicar.

Volume brochado cr$. 240,00.

SYLVIO BRITO SOARES

Páginas de Léon Denis

1.a EDIÇÃO

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

A excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de tôda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

Volume brochado cr.$ 250,00.

A' VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Natal dos Pobres

Matão, 15 de Setembro de 1962

Prezado confrade
Paz em Jesus.

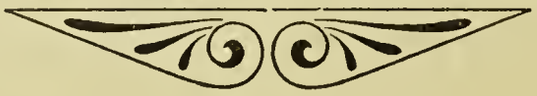
Estamos nos aproximando da mais significativa festa da cristandade, o Natal, pois nesse dia, 25 de Dezembro, todos comemoram o natalício de Jesus com tôdas as fôrças da alma e dos mais variados modos.

Assim, como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», de Matão, em comemoração ao natalício de Jesus, por intermédio da Comissão abaixo, promoverá o «Natal dos Pobres», *distribuindo entre os necessitados as ofertas que receber dos corações generosos, dádivas essas que poderão ser em dinheiro, tecidos, mantimentos, roupas e calçados, mesmo usados, agradecendo, desde já, a atenção que lhe for dispensada.*

Com votos de um Feliz Natal e próspero Ano Novo, subscreve-se

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Rosa F. Fratini
Leticia M. Olson
Anita S. Miniucci
Isabel Perche Camargo
Dirce B. Mariani
Eliza V. Machado
Luiza P. Gonçalves
Zélia S. Perche
Leonor da Cruz Jorge
Jenny S. Perche
Clotilde da Cunha
Carmem Torres
Juracy Pedro
Arlene da Cruz
Maria Lucia Barbosa
Silvia Lucia Urban



ANO XXXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de setembro de 1962 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

CAIRBAR SCHUTEL

TRANSCORRE a vinte e dois do mês em curso mais um aniversário natalício de Cairbar Schutel, o apóstolo que dedicou as primícias de suas faculdades a serviço de seus semelhantes, apontando-lhes a imortalidade, desvendando o destino que a todos aguarda.

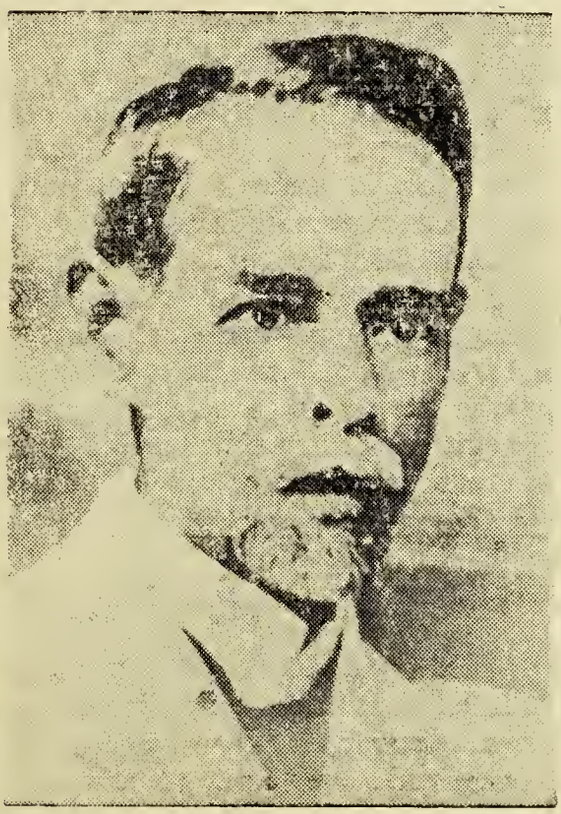
Nêsse dia Cairbar viria à terra para fazer jus ao prêmio a que teria direito pelo trabalho altruista que efetuaria pela palavra e por sua solidariedade para com os desherdados da sorte, da fortuna terrena.

Cairbar estava destinado a ser um ente que se elevaria acima do nível normal da humanidade, que ainda está chumbada à materialidade, presa às coisas temporárias.

Educado no frouxo comodismo de uma religião vetusta, êle não se sentia importunado por aspirações outras além das que constituem o apanágio da vulgaridade.

O exercício de sua profissão, a farmacologia, bem cedo o colocou em contato com a miséria, o sofrimento, as disparidades das condições sociais. E surgiu a incognita torturante. Em meio dessas cogitações graves, depois da mudez sepulcral das religiões e filosofias, Cairbar, ao despontar do presente século, sentiu-se invadido por uma nova aurora — A LUZ DO ESPIRITISMO.

O Espiritismo, magistralmente codificado por Allan Kardec, de súbito mudara tôda perspectiva de sua vida. Tôda natureza então se lhe apresentou sob um



CAIRBAR SCHUTEL

novo prisma, racional — havia em tudo um propósito que escapara às religiões constituidas.

O Espiritismo lhe decifrou o enigma que envolvia o homem. Os corpos

físicos eram méros instrumentos por meio dos quais o espírito expressava a sua individualidade e agia na terra. A vida independia tanto da matéria como da energia. A vida podia modelar a matéría, dirigir a energia e era superior a ambas. Os outros mistérios que desafiavam a argúcia humana também tiveram uma explicação lógica.

Cairbar sentiu-se deslumbrado e duas alternativas se apresentavam à sua frente: quedar-se como expectador impassível ou a agir, isto é, tornar seus semelhantes partícipes da felicidade que o inundara. Êle não exitou — atirou-se à luta que deveria torná-lo o grande apóstolo e aí está o atestado vivo de sua ação pujante no campo espírita: os dois periódicos por êle fundados, um dos quais com cinqüenta e sete anos de existência e como se isso não bastasse aí estão seus livros, em número de 16, que iluminaram e continuam a esclarecer milhares de consciências.

Mas a sua nobre missão, não se interrompeu ao deixar o seu corpo material, com o qual êle agia no mundo físico. Cairbar levara tudo o que o individualizara aqui, menos as suas vestes materiais. Êle continua a revelar o mesmo amor, a mesma solicitude pela obra a que dedicou metade de sua existência terrestre, com o mesmo ardor que conferira à sua personalidade.

Suas comunicações mediúnicas revelam o mesmo ideal que norteou o seu trabalho na esfera terrestre. Seu principal objetivo foi, quando aqui militou, apontar a todos os fatos que provavam a sobrevivência da personalidade humana e ainda continua a fazê-lo com esta vantagem a mais — agora com provas pessoais colhidas na grande aventura por que passou.

Quando um dia for publicada a história do Espiritismo no Brasil, êsse grande espírito avultará como um superhomem entre os Obreiros da Seara do Senhor. Por seu trabalho dinâmico, por sua constância inquebrantável, por sua fé nos sublimes destinos do homem, por seu amor desinteressado à Causa, êle conquistou o lugar de destaque que lhe será conferido, um dia, nas páginas da história pátria do Espiritismo.

A nossa memória faz reviver constantemente aquêle vulto simpático, que continua a orientar os companheiros que aqui deixou. Quando as dificuldades nos assoberbam, nós o sentimos bem aconchegado a nós e nossos espíritos se banham em nova aura confortadora.

A obra a que êle dedicou o melhor dos seus esforços não sofreu e não sofrerá solução de continuidade, pois ela não é obra dos homens, mas a do Mestre Jesus, a quem Cairbar votava uma veneração particular.

Cairbar! Em nossa peregrinação pela estrada que nos traçaste, sentimos que não andamos ao acaso, mas a influência do teu grande espírito sempre nos tem guiado por entre os escolhos da adversidade. Temos consciência que mão experimentada conduzia a obra a um destino seguro. Continua pois, caro mestre, a nortear nossos passos pela via que também parmilhaste, para que um dia possamos ser teus campanheiros nessa outra fase de existência, continuando juntos no mesmo ideal que nos irmana.

FISIOLOGIA E ESPIRITISMO

No dia em que a ciência se persuadir da veracidade do Espiritismo, uma verdadeira revolução transformará o mundo; as pesquisas que têm por único objetivo a matéria, se elevarão até à alma e uma nova era abrir-se-á à humanidade, regenerada por uma fé racional, que fa-la-á avançar para a conquista de todos os progressos, que agora mal entrevê.

Trabalhemos para penetrar nas profundezas do ser humano, conforme a fisiologia e sob o fulgor do Espiritismo. Tornemos palpável a influência que a alma exerce, tanto no estado consciente, como no estado inconsciente, sôbre todos os fenômenos vitais. Esquadrinhemos minuciosamente as relações, tão delicadas e tão importantes, do físico e do moral; estudemos a sede das faculdades da alma e havemos de chegar a conclusões promissoras para o destino humano.

Gabriel Delanne

O Pastiche

— IV —

Leitora desta Revista enviou ao Dr. Osmard Andrade um soneto de Augusto dos Anjos, psicografado por Francisco Xavier. E o nosso caro Professor, para mostrar a facilidade com que se falsificam sonetos, apresenta-nos outro do mesmo Augusto, desta vez «psicografado», entre aspas, por «um seu paciente, marinheiro de mediana cultura». De onde se vê que, se maritimos pouco letrados podem perpetrar versos falsos, não seria muito que o Chico nos impingisse o Augusto dos Anjos.

Em suma, se um valoroso tripulante de nossos vasos, de quem com certeza se pode afirmar — **braço às armas feito** — mas que, como confessa o médico, dêle não se dirá — **mente às musas dadas** — flui um soneto augusto, logo se nos impõe a certeza de que o Chico não seria o medianeiro do vate paraibano, senão um embusteiro **pasticheur**, dado que não ande por aí algum comando hipnótico, que nesses casos substitui com vantagem os comandos de guerra.

* * *

E' costume afirmar-se que os literatos imitam uns aos outros. E' assim que La Bruyère imitara Teofrasto, Musset imitara Byron, Virgílio imitara Teócrito. O que Corneille tinha de melhor extraira de escritores antigos. A Grécia foi a grande fornecedora de letras à humanidade. Nela se inspirara Shakspeare, e Racine, e tantos outros. As fábulas de La Fontaine são reproduções da de Esopo ou Fedro. Mas na imitação se transmitem para o estilo próprio, imagens, idéias, impressões de outrem.

Entretanto, mostram-nos umas imitações onde não vemos semelhança nenhuma. Horácio disse: — «A pálida morte toca com o mesmo pé as habitações dos pobres e as tôrres dos ricos.» E Albalat percebeu que Malesherbes usara o mesmo pensamento: «— A morte tem rigores desmedidos.» Outros vêem imitações em cenas que, como são sempre as mesmas, hão de se assemelhar, como cabritos que pulam, morros que desmoronam, tempestades, inundações, amores, terremotos...

Daí acharem alguns que é fácil imitar, e baseado nessa facilidade, lançou-se o nauta patrício a manejar o estro de Augusto, supondo-se com a perícia com que maneja a roda do leme de seu barco. Mas, **«tel qui brille au second rang, s'éclipse au prémier»**, que é como quem diz — quem dá para uma coisa nem sempre dá para outra. E se o impávido naval é capaz de afrontar os ímpetos de uma procela, não me parece que vá com o mesmo arrojo às aventuras de um pastiche.

O pastiche já não é, como a imitação, um apanhado de idéias e imagens, senão uma cópia servil. Para que não se note o «carbono» é preciso muita habilidade, que infelizmente faltou ao paciente do Dr. Osmard. Senão vejamos a primeira quadra dos versos «transcritos numa hora de mau humor»:

> «Quais funerários corvos rapinantes
> «a farejar defuntos insepultos
> «e a babar-lhes seus cuspos repugnantes
> «de credos primitivos e de insultos».

Babar cuspos de credos... Que imagem, deixem lá falar! O pior é a celeuma que irá desabar nas Academias, quando lá se souber dêsses novos elementos do cuspo — credos primitivos e insultos.

Tenho visto dizer — cuspir injúrias — que seria o mesmo que lançar injúrias, mas ver as glândulas salivares a secretarem insultos e credos, é deixar desmoralizada tôda a análise química que até então só via no cuspo água, sais e pouco mais. Vejamos a segunda quadra:

> «Ei-los a praticar necrofagia
> «servem nas taças vis as pituinas
> «da crendice, da insânia e da magia
> «e dessas deliquescências cerebrinas».

Que será isto, Santo Deus? Uma pituina crente, insana ou mágica... Ou a magia, a insânia, a crença com pituinas...

«Dessas deliquescências...» Des-

sas, quais? Devemos ficar sabendo que pituinas da magia são deliquescências cerebrinas. E enquanto se mata a cabeça a advinhar o que isso é, não se percebe que há ali um verso frouxo:

«da crendice, da insânia e da magia»

E um de pé quebrado:

«e dessas deliquescências cerebrinas».

Quanto às idéias, só mesmo de um sujeito de mau humor: temos os indivíduos a praticar necrofagia — devem ser médiuns e espíritas — a servirem pituinas da crendice e outras nas taças vis, e a servirem também deliquescências cerebrinas, e «dessas», que devem ser das piores. Deliquescências cerebrinas servidas em taças é mesmo de arrepiar! O que não sabemos é como os tais necrófagos ainda não foram parar às mãos da polícia, servindo nas taças vis tanta coisa ordinária. Isto só se pode explicar por uma deliquescência policial.

Os versos são decassílabos, mas passam a hendecassílabos de vez em quando, talvez para variar. Já vimos o das deliquescências com onze sílabas. Temos também êste ao qual está sobrando um pé:

«aquilo que em cada um não morre mais».

Para ajeitá-lo nas dez silabas teriamos que lê-lo assim:

«aquilo que em cadum não morre mais.

Como se vê, não há ortopedia capaz de evitar ao cadum ir à deriva na deliquescência poética.

Referi-me apenas aos pontos principais, visíveis, claros aos que não se dedicam à arte de Polínia. Deixei passar um asnão, tão mal sonante aos ouvidos:

«Mas, não; esses coveiros da memória...
tiram de nós o nome, a glória, a história».

Não toquei nos recursos fracos que consistem em forçar a rima. Aqueles «coveiros da memória» ali estão para rimar com «a história», porque não se sabe que a memória tenha coveiros, ou porque sejam coveiros da memória os que tiram nome, glória, história... E, sobretudo, sacar da memória a glória deve ser de gloriosa memória.

Notarão os conhecedores do pletro a dissemelhança de côr, sonoridade, rítmo entre os dois poetas, o do espaço e o do mar. E' uma diferença como da água para o ar.

Além de tudo, não parece seja do estilo de Augusto dos Anjos a verrina, o aleive, o vitupério. Descrevendo um médium como corvo rapinante a farejar defuntos, a babar cuspos; necrófago, a servir em taças vís coisas incríveis e pavorosas; explorador de carne finda e coveiro da memória, já não é mais um pasticheiro, é um panfletário espalhando a inverdade e a calúnia, porque o médium, o verdadeiro, é o apóstolo que pretende encaminhar os irmãos na estrada do bem, das virtudes, do amor ao próximo.

Quis apenas mostrar nesta ligeira crítica que não é tão fácil pastichar, e quão diversos se notam na forma e no fundo os versos reais de Augusto e os versos falsos do marinheiro. Não andou êle agora navegando em boas águas.

Isto não obsta a que, se lhe não rendo as minhas homenagens como imitador, não deixe de ver nêle a garantia, a integridade e a salvaguarda da pátria.

* * *

Nessa questão de psicografia do Chico Xavier têm-se excogitado vários meios para explicá-la. O engenhoso Irmão Vitrício também possui o dêle, o qual, pela perspicácia do descobrimento, deve estar a par de uma célebre luva de parafina com que andou embasbacando meia dúzia de pacóvios.

Para provar como se forgicam os versos do Além, escolheu no Seminário Maior de Viamão um estudante sugestionável, o qual declarou apreciar as poesias de Drumond de Andrade. E então, sugestionado pelo Irmão Vitrício para que psicografasse uma poesia do referido poeta, o estudante vai ao quadro negro e apresenta êste prodígio:

«Amanhã será tarde
é preciso ser hoje,
por que? É preciso.
ser hoje, ser hoje.
A noite mastigou todos os meus sonhos...»

Não se sabe o preparo a que foi submetido pelo ardiloso Irmão o sugestionável estudante. Nem se imagina a

que trabalhos se dará um demolidor. Além disso quem conhece um pouco do assunto sabe que as sugestões pre-ipnóticas habilitam o paciente a representar o papel que o hipnotizador prèviamente lhe assinala. Entretanto, tudo muito infantil. Aquela chateza só pode denunciar um estílo chato. De maneira que só há um motivo de admiração: é ver nos moldes do estro de Drumond a puerilidade de um ginasial.

E é aquela história pífia, mal contada e encenada, a psicografia do Francisco Cândido Xavier. O nosso irmão Vitrício pode ser muito hábil em luvas falsas, mas em verso... Deus lhe perdôe.

* * *

Já dei vários exemplos dessas manifestações, que são englobadas no vasto campo da literatura de Além-Túmulo, e por onde se verifica que Xavier é apenas um galho destacado dessa imensa floresta que se espalha pelo Mundo, para demonstrar a sobrevivência.

Reporto-me agora, pormenorizadamente, a dois daqueles casos, primeiro para que se note a possibilidade do fenômeno, que não se pode reproduzir por pastiches; e depois na curiosidade de ver como seriam êles explicados dentro daquela parrésia: — o Espiritismo é o Hipnotismo.

Principio pelos fenômenos obtidos pela Sra. Curren, na América do Norte. Inesperadamente, pelo oui-ja manifesta-se uma entidade que principia declarando:—Muitas luas se passaram desde que vivi na terra; eis que volto a ela; chamo-me Patiente Worth.

E aí se desenrolam as maravilhas, a princípio pelo aparelho mediúnico, depois diretamente pela médium. Começou o Espírito a dizer onde vivera, como eram os lugares que habitara, a situação geográfica dêsses lugares, as minúcias topográficas; era uma região distante, na orla marítima do Dorselshire, na Inglaterra, por volta de 1649.

Lança-se a uma viagem o Professor Gaspar Yost e verifica a exatidão das descrições; a médium nunca houvera deixado o seu rincão natal.

Indagando de sua cultura, verificou o Dr. Walter Prince que ela frequentara a escola até a idade de 14 anos; nunca manifestara a menor aptidão literária, antes o que desejava era seguir a carreira artística. Entretanto, é justamente a cultura histórica, literária e filológica que notabiliza os romances de Patiente Worth.

Já vimos como se admirara o Prof. Schiller, da Universidade de Oxford, pois o romance Telka, recebido por Patiente, fôra escrito na linguagem e estilo do século 16, sem o menor anacronismo, sem qualquer lapso ou descuido que denunciasse o escritor do século XX. E esse imponente trabalho, num total de 70 mil palavras, surgiu em 35 horas. Verdadeiro improviso.

Importa acrescentar que a mentalidade da médium era tão independente do Espírito comunicante, que ela interrompia o ditado para fumar, atender ao telefone, responder a perguntas e interferir em assuntos domésticos. Como se vê, não há semelhança com o transe hipnótico e sua sinalização.

Em outro romance — The Sorry Tale (A História Triste) — descreve-nos o drama da Crucificação, depois de empolgante enredo:

Um filho natural de Tibério, expulso de Roma, vai para a Palestina; vive aí uma existência de paixões e de ódios; despreza o Cristo, injuria-o quando o vê; e enquanto êste prega o amor, aquêle propaga o rancor e a destruição. Descendo no crime, vai até a cruz. Aparece a cena do Calvario: fica ao lado do Cristo e continua a escarnecê-lo: é o mau ladrão.

Todo o drama messiânico perpassa-nos diante dos olhos. Notou-se uma falha no longo episódio: os judeus chamavam rei ao imperador romano. Pouco depois, porém, por uma descoberta inesperada, viu-se que no Oriente se dava o título de rei aos soberanos de Roma.

A médium não esquecia até os quadros secundários. Diz-nos Prince:

> «*Percebia cães que atravessavam o caminho correndo; via carros construidos extranhamente, com rodas de caniço entrelaçado; eram puxados por bois com esquisitos arreios. Via os judeus nas feiras e negociantes barbados a discutirem com os freguêses. Grãos Sacerdotes perambulavam com suas vistosas roupagens; mulheres se lamentavam. Jesus passava cercado pela multidão...*»

Num paralelo entre os poemas de Patiente com os melhores no gênero, verificou-se que êles, por vêzes, ultrapassavam os dos autores inglêses.

Finalizo com uma referência de Bozzano:

«Já indiquei a suprema excelência da arte de Patiente Worth, em tôdas as modalidades de criações literárias, apesar da modesta intelectualidade da médium; o fato de haver ditado romances num dialeto antigo e isto com tal precisão na linguagem arcáica, que não se vê uma só palavra da língua inglêsa depois de 1600; enfim, a genialidade extraordinária de que deu provas no improviso de composições poéticas, de forma irrepreensível, que rivalizam e ultrapassam as dos melhores clássicos inglêses.»

Seria de estranhar que, demonstrando extraordinária elevação moral e intelectual, se obstinasse a médium em apresentar-se na figura de uma inglêsa de séculos passados e levasse a ilusão ao cúmulo de o demonstrar.

* * *

A outra médium chama-se Rosemary. Amante da música, achava-se com um apaixonado dessa arte, o cientista Dr. Frederico Hood, quando sentiu uns impulsos no braço. Ainda não estavam ambos refeitos da surprêsa, quando se lhe manifestam os fenômenos da «escrita automática». Para não fugir ao vezo em tais casos, declara a manifestante que se chama Muriel, que fôra quaker e que vivera em Liverpool. E que mais tarde viria outra. De fato, esta se apresenta e dá o nome de Lady Nona; tinha sido uma princêsa egípcia, chamada Telika, no tempo dos faraós; Amenhotep III, seu marido, afogara-a no Nilo, devido a intrigas sacerdotais. Esta, em traços rápidos, a história da faraona, que acrescentou estar no desempenho de importante missão.

O valor de suas mensagens residia nas surpreendentes informações sôbre o Egito antigo; costumes, linguagem, prosódia, religião, política, cerimônias, arte e ciência da época, tudo ela revelava, com as descrições da natureza, dos acidentes geográficos, dos monumentos, e do modo por que foram construidos.

A notícia chegou aos ouvidos do notável egiptólogo, o Dr. Alfred J. Howard Hulme, autor, entre outros livros, de um dicionário da antiga língua egípcia. O doutor ficou para logo maravilhado com os esclarecimentos de Nona, sobretudo no que toca à pronúncia, visto que os hieróglifos não tinham sinais claros para as vogais. E êle conseguiu reconstruir os seus trabalhos com os valorosos informes trazidos pela egipsíaca. Muitas outras dúvidas se lhe desvaneceram, não sendo de menor importância a tradução de legendas, letreiros e inscrições, então ilegíveis, incompreensíveis ou apagadas.

Lady Nona sanava as dificuldades com enorme segurança; não lhe viam vacilações, incerteza ou algo que denotasse desconhecimento ou dúvida. Seus informes eram precisos e lógicos.

Para a verificação do muito que narrava foi necessário recorrer-se a livros, tratados e enciclopédias esparsos, de sorte que só o trabalho da verificação já era um esfôrço ciclópico. Calcule-se o que seria um estudo por aquela forma. A pesquiza por parte da médium tornar-se-ia um fenômeno muito mais pasmoso do que a presença da princesa das margens do Nilo.

O relato de tais fatos, que deveriam despertar a curiosidade do mundo científico se não fora o receio das almas, acha-se em várias obras de Wood, como After Thirty Centuries (Depois de Trinta Séculos) e This Egiptian Miracle (Êste Milagre Egípcio), além de escritos do sábio Hulme, que trouxe para o caso o valor de seu testemunho e da sua ciência.

Agora é esperar do jovem marinheiro um memorial sôbre as antigas raízes assírias ou o linguajar dos babilônios, ao tempo de Nabucodonosor, a fim de que se saiba «como a coisa é feita».

Carlos Imbassahy

A satisfação que se usufrui da vingança, dura um momento apenas; a que nos proporciona a clemência é eterna. — HENRIQUE IV.

Esclarecimentos Sôbre os Nossos Debates Com o dr. Osmard

Agora, que já findou o nosso debate com o dr. Osmard, cumpre-nos prestar certos esclarecimentos aos leitores, sôbre a responsabilidade nossa, do sr. Imbassahy e do digno diretor desta Revista, o sr. Campêlo, quanto à referida polêmica.

Primeiramente lembremos que quando aqui iniciáramos, em 1960, os nossos primeiros rebates, aos ataques que o dr. Osmard elaborou contra o Espiritismo na sua literatura, êste nobre facultativo, naquela ocasião, depois de nos enviar um protesto, aqui publicado em 15-6-60, solicitou licença aos ilustres diretores desta Revista (sr. Campêlo e naquela ocasião também o saudoso sr. Italo Ferreira), para se defender nestas páginas. Os diretores, baseados nos bons têrmos daquele seu protesto, acederam ao pedido.

No entanto, após um ano, ao chegarem os trabalhos do dr. Osmard, o sr. Campêlo foi surpreendido pela linguagem violenta do solicitante, a qual não estava prevista no ato daquela concessão. Diante disto, como os ataques ainda atingiam a nós e o sr. Imbassahy, resolveu não publicá-los, sem os votos favoráveis de nós ambos, especialmente o do nosso companheiro, êste mais credenciado nessas lides jornalísticas, ao qual também nós deixáramos que prevalecesse a sua opinião. E esta veio favorável, mas deixando entender que apesar de aberta estas páginas ao antagonista, cancelar essa autorização, diante de justas razões, ainda assim nos pareceria bem. Mas tratando-se de adversário com grande projeção intelectual, com acesso nas maiores publicações do país, onde se tem declarado abertamente contra o Espiritismo, e de fácil recurso no escrever e editar livros, não hesitaria em denunciar publicamente nossa recusa, a qual seria interpretada como um fracasso da nossa tese doutrinária. E sem dúvida, a sua palavra, de ilustre facultativo, teria forte repercussão nos meios intelectuais do país. E depois, de tudo isso, ainda viriam a explorações por parte dos clericalistas. Prevendo essas consequências danosas, todos nós resignáramos em consentir então tais publicações, deixando o adversário falar no nosso campo, com a linguagem que bem desejasse.

Eis aí a razão, por que fôramos compelidos a nos conformarmos com aquelas publicações, em teor incompatível com as normas de uma doutrina de fundo religioso, se bem que pudemos mostrar o êrro da tese adversária.

Contudo, particularmente, de nossa parte, muito lamentamos aquela atitude de violenta do atacante que, habituado a outro setor literário, sem restrição para as formas expressivas, conseguiu às vezes contaminar-nos, obrigando-nos vez ou outra a responder-lhe no mesmo plano do seu ataque, e a nossa invigilância levou-nos a contrariar a bôa moral das nossas recomendações doutrinárias. Mas enquanto nós e o nosso alterado adversário não nos mantivemos no setor elevado da luta, deixou de recorrer a êsses lances anti-éticos, o nosso companheiro, sr. Imbassahy, que, mais capacitado na arte do bem escrever, manteve-se na sua invejável dignidade, não se desviando do seu alto padrão de elegância literária. Assim, a melhor vitória, a da bôa ética jornalística, coube ao nosso velho batalhador da doutrina, ficando nós e o nosso impetuoso contendor derrotados nesse setor mais belo da peleja. Que essa significativa atitude, do nosso companheiro, na arte de ser nobre no campo da luta literária, sirva de exemplo a nós outros dois, para não mais incidirmos nessa falta, em ocasiões futuras.

* * *

Falemos agora da nossa conduta nos debates, em que talvez teriamos levado alguns leitores a impaciência, pela morosidade dos nossos revides, quando, sem dúvida, poderiamos liquidar a tese adversária, logo de início, com a nossa documentação científica dos fenômenos de materializações. No entanto convém saber que esta defesa dos fenômenos de efeitos físicos nem sempre seria com-

pleta, como se poderá julgar, diante dos ataques de que o Espiritismo é hipnose. No caso do dr. Osmard, tal recurso, por si só, seria o suficiente, porque tratando-se de um opositor materialista, a nossa tese das materializações já o abate logo pela base. Mas o mesmo não se diz na hipótese de vir êsse ataque por parte de adversários espiritualistas, como os do clero, em que no setor das materializações, embora dentro de outros limites, não discordam da nossa tese, como já deu a entender o Frei Boaventura.

Ora, com tal conceito, agora, os astutos clericalistas, valendo-se da tese trabalhada do dr. Osmard, no caso da hipnose, regeitariam a nossa defesa das materializações, sob pretexto que a discordância dêles se diria da outra classe de fenômenos, os de ordem mental, em que as mensagens são produzidas pelo próprio médium, escrita ou falada, tal qual se pode fazer na hipnose. De fato, se nos fenômenos espiríticos, de ordem mental, o espírito não se materializa, para produzir as mensagens, não é lícito defendermos tais fenômenos subjetivos, recorrendo-nos às materializações que são objetivas. Sem dúvida; que dizem as materializações, se os nossos fenômenos mentais sejam ou não hipnóticos ou espiríticos? Logo, a nossa defesa aqui terá que ser no mesmo plano do ataque, pois se nos pedem provas de uma coisa, não é justo apresentarmos as de outra.

Daí, então, prevendo que os clericalistas aproveitem a tese trabalhada do dr. Osmard, para nos atacar, já prevenidos para regeitarem a nossa defesa das materializações, foi que nós, antes de abatermos o rígido materialismo do atual atacante, pelos nossos fenômenos de efeitos físicos, tivemos o cuidado, primeiramente, em liquidar a questão no setor dos fenômenos mentais. E' o que completamos ali com Richet, na Revista de 15-5-62, onde, apontando as diferenças entre as produções mentais mediúnica e hipnótica, fechamos êsse flanco, evitando futuras surprêsas por parte do clero.

Assim, para tomarmos essa precaução, aparentemente sem importância aos leitores não afeitos a essa parte científica, mas de muito valor a nós militantes da doutrina, tivemos que demorar-nos na pista do contendor. Isso às vezes obrigou-nos a passar por caminhos complexos, no mesmo plano dos seus ataques, com assuntos nem sempre acessíveis a todos os leitores, no que talvez alguns teriam se descuidado, deixando-se levar pelo vulgarismo das ironias do adversário. Mas, o mesmo não se diria da ala intelectiva, especialmente da honrosa classe médica, muitos aqui atraídos pela nobre qualidade, de facultativo, do nosso atacante. Êstes, interessados na parte científica, teriam observado que os nossos argumentos arrasaram as pretenções do nosso antagonista. No entanto, os leitores no geral não teriam tido dificuldades em conhecer para que lado pendeu o fiel da razão, se considerarem certas fases essenciais dos debates.

Veja-se de início que a Reflexologia dos tipos nervosos, Débil, Desiquilibrado e Instável, do dr. Osmard é de base falsa, pois foi firmada no conceito da saúde mental dêsses tipos nervosos, quando na realidade tratam-se de doentes mentais. Com o nosso alerta, pretextou que a Reflexologia nada tem com a Psiquiatria. Ora, o que importa é o fundamento da tese, isto é, se tais tipos são ou não mentalmente sadios. Para tanto, sustentando o que dizemos, desafiamo-lo a um debate mais amplo em campo médico de sua escolha, sob julgamento de autoridades neutras na nossa questão.

Ainda, para defender seu materialismo, recorreu a duas conjugações: a fisiologia orgânica e a física, esta pela matéria-energia. Na primeira, apesar de ser seu próprio campo acadêmico, mesmo assim se revelou sem segurança, salientando-se o caso das labilidades e dos débeis mentais. E na segunda, a da matéria-energia, mostrou-se de um primarismo rudimentar, como bem se vê a sua completa ausência no assunto, quando ali, no seu «Abstratos e Concretos», estando com a chave da equação de Einstein nas mãos, coisa tão divulgada pela literatura científica, não deu por ela, julgando-a inexistente, devido a morte do sábio. Aliás, nêsse campo da ciência, no seu «Hipnose e Letargia», com aquela sua «causalidade invertida» e a «reflexão da luz no transporte das imagens», saiu-se tão mal, que êsses seus conceitos estão ali correndo o ris-

co de serem aproveitados para a página cómica de alguma revista científica. Não estamos ironizando, tratam-se de realidades fàcilmente demonstráveis.

E como o dr. Osmard apenas se disfarçou em ironias, jamais desmentindo nossas acusações, estas permanecem de pé. Se há ainda quem duvide das nossas explicações, informe-se com elementos abalisados, do setor médico, e da física, e poderá certificar-se dos fundamentos do nosso libelo, que continuamos sustentando em qualquer outro campo, acaso nos chamem para repetir êsse nosso ajuste de contas.

E quanto a seus ataques à nossa pessoa, pelas ironias, gramatiquices etc., não importa, porque não era a nossa questão pessoal que discutiamos mas, sim, a tese Materialismo x Espiritualismo, com a qual o dr. Osmard não passou por nós.

* * *

E antes de encerrar, tratemos ainda de certos protestos que teriam surgidos, quanto a presença do adversário nas nossas publicações doutrinárias. Fora seu estílo violento, que não pudéramos evitar, pela razão já exposta, não há motivos para se protestar por um debate científico dentro do nosso próprio campo. Se o Espiritismo também é ciência, não o pode ser apenas de fachada. A tese científica que foge ao debate livre é ciência dogmatizada, portanto duvidosa.

Logo, se os nossos opositores apresentam argumentos trabalhados, pela ciência, em oposição ao fenômeno espírita, não seria atitude legítima deixarmos de considerá-los, ocultando seus conceitos aos nossos leitores através de dogmas literários, porque da mesma forma que nós nos dizemos com a razão, assim também se julgam êles. Neste caso, tratando-se de questões científicas, o debate livre se impõe, e nada melhor que essas oportunidades, não apenas para nossos adeptos da doutrina estarem a par das teses contrárias, como também a ocasião é valiosa para os nossos adversários virem a conhecer nossas verdades, dentro do nosso próprio setor de atividades. Pois a não ser nessas ocasiões, os nossos antagonistas, geralmente, nada lendo da nossa base doutrinária, julgam-nos enganados pelo que assistiram nas macumbas (V. Manchete de 30-3-61, pág. 66), como bem demonstram, com o emprêgo de têrmos impròpriamente atribuidos à nossa linguagem da doutrina. É o que acontece nos dois livros do dr. Osmard, um dêles para médicos e dentistas já na segunda edição, ambos com pesados e injustos ataques ao Espiritismo. No entanto, se não permitíssimos a sua demonstração no nosso campo, não teriamos tido o ensejo em fazê-lo ver a verdade científica da nossa fenomenologia espírita, revelada pelos sábios.

Na realidade, embora tais debates pareçam-nos prejudiciais, tal não se dá, pelo menos aos adeptos interessados na parte científica dos nossos fenômenos, e especialmente aos candidatos da classe intelectual, pretendentes ao acesso nas nossas fileiras, os quais poderão encontrar, nessas discussões, fundamentos esclarecedores, e não confusão como alguém já teria declarado. Confusão se diz quando se pretende falar em Espiritismo científico, sem se interessar pela ciência, comodismo êste que, geralmente, periga para os lados da fantasia, está muito a gôsto dos leitores descuidados, mas condenada pelos adeptos fieis ao bom senso de Kardec.

Claro, não estamos insinuando, com isso, que deveremos cair no extremo em se generalizar tais debates no nosso campo, entregando nossa imprensa em mãos dos antagonistas, entre os quais ainda não faltariam os aventureiros, tentando sensacionalismo nos nossos meios doutrinários. Referimo-nos aos casos dignos de atenção, como o que se passou, precavendo-nos doravante contra o abuso de linguagem, dada a experiência de agora. Assim, enquanto tivermos imprensa, prestigiando para que a ciência na nossa triologia doutrinária seja realidade, e não letra morta, jamais recusaremos o debate científico de frente.

E aí ficam êsses nossos esclarecimentos sôbre a tão agitada polêmica, que terminou, e aqui, no campo da ciência, continuaremos à disposição, para quaisquer debates no setor científico da fenomenologia espírita.

Também, dadas as teses discutidas com o dr. Osmard, não vamos retornar à nossa antiga série de rebates ao seu «Hipnose e Letargia», inciada em 30-3-61. Contudo, atenderemos aos nossos leito-

res, que nos solicitarem melhores esclarecimentos sôbre pontos dos debates não bem entendidos, cujas respostas, dentro da nossa fraternidade doutrinária, mesmo às mais simples perguntas, daremos nestas páginas, ou por carta quando, por gentileza, nos enviarem selos para as respostas.

V. O. Casella

Av. Barroso, 378 — Araraquara
Est. S. Paulo

N. da R. – Como encerramento da atual polêmica, nós desta Redação embora sob protesto, aos depreciativos ataques ao Espiritismo, empreendidos pelo dr. Osmard, dentro destas nossas próprias páginas, onde o recebêramos com fraternidade, retribuimos-lhe a sua despedida, com os nossos agradecimentos às suas elogiosas palavras finais, dirigidas a esta diretoria, na pessoa de quem aqui fraternalmente se subscreve

A. W. Campêlo

Recebemos do nosso assinante Orlando Martins Soares a seguinte carta que publicamos data venia :

«Rio de Janeiro, 25 de julho de 1962.

Ilmo. Sr.
Watson Campêlo
M. D. Diretor da
Revista Internacional do Espiritismo
Avenida 28 de agôsto n.º 780
MATÃO — Est. de São Paulo

Assinante há muitos anos dessa prestigiosa revista, julguei ter por isso direito de chamar a atenção do prezado amigo para os fatos vergonhosos ocorridos na cidade de Ferros, Minas Gerais, de que dá notícia o Jornal do Brasil de hoje, do qual junto um recorte.

Como vê, um sacerdote católico vendo algumas dezenas dos habitantes da cidade em que reside inclinar-se para outra religião, recorreu aos mais selvagens métodos para impedir a livre manifestação religiosa, garantida pela Constituição Federal.

E' verdadeiramente entristecedor vermos cenas que tais em nosso país, no avançado século em que vivemos.

Que sirva, entretanto, para nós espíritas, de confôrto o sabermos que enquanto êsse padre pensa e age assim tão medievalmente, um dos nossos mais prestigiosos órgãos — a valorosa Revista Internacional do Espiritismo — que V. Sª. tão eficientemente dirige, abre suas colunas para durante mêses e mêses, ininterruptamente, um médico materialista atacar a santa doutrina que professamos.

Diz-se que alguns nossos confrades discordaram da atitude dessa revista. No nosso modesto conceito, porém, subiu ela de muito, com a vigorosa prova que deu de democracia, independência e segura confiança nos postulados que defende, demonstrando não recear os ataques, venham de onde vierem, porque sabe estar o Espiritismo edificado em rocha.

Aceite os respeitosos cumprimentos do confrade e admirador,

Orlando Martins Soares

Rua Real Grandeza, 59 — Bloco X — Apt. 201 — Botafogo — R. Janeiro GB».

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926 cr.$ 500,00	Ano de 1950 cr$. 400,00	Ano de 1956 cr$. 400,00
» » 1946 » 400,00	» » 1951 » 400,00	» » 1957 » 400,00
» » 1947 » 400,00	» » 1952 » 400,00	» » 1958 » 400,00
» » 1948 » 400,00	» » 1953 » 400,00	» » 1959 » 400,00
» » 1949 » 400,00	» » 1954 » 400,00	» » 1960 » 400,00
	» » 1955 » 400,00	» » 1961 » 400,00

PARAPSICOLOGIA

Aureliano Alves Netto

«Ciência sem consciência não é senão uma ruina da alma». – *François Rabelais*

O assunto é para lá de palpitante. Criemos o neologismo: **parapalpitante.** Assim como **Paralipômenos** significa «a parte da Bíblia, em suplemento ao livro dos **Reis**», **Parapsicologia** é uma espécie de prolongamento da Psicologia. Poderíamos dizer: um apêndice da Metapsíquica, senão mesmo sua dileta primogênita. Grã-fina, sestrosa e topetuda, com pretensões a explicar todos os fenômenos de natureza oculta ou singular. Deve pertencer à mesma genealogia da Biopsíquica e do Psiquismo.

Para, prefixo grego, traz a idéia de **ao longo de, além de.** Em conseqüência: **Parapsicologia** — além da Psicologia ou, na definição de Aulete: «nome dado ao estudo dos fenômenos que transcendem as fronteiras da Psicologia chamada ortodoxa.»

Embora ainda adolescente, a Parapsicologia já conta com grande número de aficionados, quando não de devotos renitentes e inexoráveis.

O autor do livro «Parapsicology-Frontier Science of the Mind», Dr. J. B. Rhine, chefe do Laboratório de Psicologia da Duke University, é considerado, nos EE. UU., o «papa» da Parapsicologia. Seguem-lhe os passos, com dedicação e alto espírito científico, sua espôsa Dra. Louisa E. Rhine, Dr. J. G. Pratt, Prof. Mc-Dougall, além de outros. Na Alemanha, católicos liderados pelo jornalista e editor Josef Kral fundaram a Sociedade Internacional de Parapsicólogos Católicos. Conforme respigamos de publicações especializadas, a Parapsicologia vem sendo objeto de acurados estudos por parte da Universidade Técnica de Varsóvia; da Universidade de Camberra, Austrália; da Universidade de Oslo, Noruega; da Fundação de Parapsicologia de New York; da Universidade de Utrecht, Holanda e da Universidade do Litoral de Rosário, Argentina. No Brasil, o Instituto de Cultura Espírita mantém cursos de Parapsicologia e os fenômenos atinentes ou atribuidos a essa matéria são investigados pela Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

Os deputados Campos Vergal e Xavier d'Araujo apresentaram, no Congresso Nacional, o Projeto n.° 4598/58, instituindo a cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do País, de cujo programa constam estudos de Animismo, Mediunismo, Sobrevivência e Reencarnação, Materialização, Terapêutica Paranormal, etc.

Os cientistas, na sua maioria, talvez dominados pelo «complexo de sapiência» ou presos a velhos preconceitos, têm o vêzo de explicar as coisas de maneira empolada, cabalística até. Não atentam para a clareza meridiana das conclusões lógicas a que chegaram experimentadores de fama mundial, como Flamarion, Aksakoff, Crookes, Varley, sir Oliver Lodge, etc... Usam duma terminologia hermética, como que desejando restringir às suas

«igrejinhas» acadêmicas os conhecimentos e deduções provenientes das investigações: PK (psicocínese); PSI (faculdade psíquica); ESP (percepção extra-sensorial) e quejandos.

Contudo, já admitem a existência da «energia mental, não física, que escapa às dimensões espaço-tempo». Novidade que veio atrasada. E' admitir a hipótese do aspecto quadrimensional do tempo, de Oliver Lodge, que disse ser o tempo, talvez, «um meio relativo de ver as coisas e que os acontecimentos estivessem sempre presentes, quer passados, quer futuros, e fossemos nós a passar por êles e não êles que acontecessem».

Parece que os conspícuos e enciclopédicos parapsicólogos estão a descobrir a pólvora...

Quem se der ao cuidado de compulsar a vasta bibliografia espírita, verá que a esmagadora maioria dos chamados fenômenos parapsicológicos não passa, afinal, de autênticos FATOS ESPÍRITAS. Até mesmo o Animismo reforça, comprova e evidencia o Espiritismo — assegura Bozzano.

O Espiritismo não teme pesquisas, porque é uma doutrina que segue **pari passu** a evolução da Ciência. Filosófico e científico, com conseqüências religiosas, como o definiu Kardec, só propugna pela Verdade, só a Verdade.

Acreditamos que a Parapsicologia, ao invés de solapar os alicerces do Espiritismo, virá (e sem muita demora) dar-lhes maior solidez. Ou, muito provàvelmente, chegará a... **descobrir o Espiritismo,** como já vaticinou ilustre confrade.

Que reflitamos, pois, nas palavras de Santo Agostinho: «os que não querem ser vencidos pela verdade, são vencidos pelo êrro».

Entretanto, aos incréus inveterados, apegados ao carcomido medievalismo mental, resta-nos fazer côro com Samuel Johnson: «a verdade, senhor, é uma vaca que não quer dar mais leite aos céticos; de sorte que êstes não têm outro recurso senão ordenhar um touro»...

Estudos Doutrinários

II - «ESPÍRITA DE QUALQUER CULTO» — Deolindo Amorim

Nos comentários anteriores, a respeito de «Traduções e Dúvidas», fizemos referências à lição n.º 22, do Capítulo XXVII *d'O Evangelho Segundo o Espiritismo,* justamente pelo fato de haver certa diferença de expressão entre algumas traduções. Vamos voltar ao mesmo ponto. a título de recapitulação:

> em primeiro lugar, enquanto determinada edição brasileira (1917) diz que a prece deve ser feita quando o espírito houver *subjugado* a carne, as outras edições consultadas, inclusive uma das traduções do mesmo confrade, falam em *retomar* o jugo da carne, dando, assim, outro sentido ao pensamento;
>
> em segundo lugar, uma das edições do livrinho *A Prece* (publicada em 1946), como já vimos, reproduziu o mesmo texto, mas empregou a expressão espírita de qualquer *cultura,* quando o

verdadeiro ensino doutrinário, de acôrdo com *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* a começar por edições francêsas, fala claramente em espírita de *qualquer culto,* o que é bem diferente.

Foram êstes dois pontos de doutrina que nos chamaram a atenção nos estudos semanais do Centro Espírita *18 de Abril,* dando motivo ao nosso artigo anterior. Vamos passar, agora, à expressão *espírita de qualquer culto,* contida no mesmo período em estudo. Convém transcrever novamente o período: *A prece do cristão, do espírita de qualquer culto, deve ser feita quando o espírito houver retomado o jugo da carne.* Evidentemente, *espírita de qualquer culto* é uma idéia muito elástica. Se quisermos tomá-la ao pé-da-letra, desprezando o pensamento geral do contexto, podemos tirar daí umas tantas conseqüências discrepantes do próprio caráter da doutrina. Se alguém, por exemplo, entender de aplicar indistinta ou arbitràriamente aquela assertiva, considerando que *espírita de qualquer culto* é um conceito absoluto, poderá chegar à conclusão, embora ilógica e disparatada, de que se pode ser *espírita* e adorar imagens, usar símbolos fetichistas, tomar parte nos jejuns, curvar-se no «muro das lamentações», e assim por diante. Dentro de uma interpretação ampla ou ilimitada, o que se entende, ao pé-da-letra, é que um indivíduo pode, ao mesmo tempo, ser espírita e continuar católico, aceitando o dogma das «penas eternas», «pecado original» etc., pois a doutrina fala em *espírita de qualquer culto.*

Vê-se, claramente, que não é possível conciliar a doutrina espírita com o catolicismo nem qualquer outro culto formalizado, pois está patente que o Espiritismo, pela sua estrutura doutrinária, não comporta nenhuma forma de culto material, não tem «livros sagrados» nem organização sacerdotal. Como seria possível, pois, ser espírita e católico ao mesmo tempo? Se, no aspecto material, é grande e evidente a distância que separa os dois campos, no aspecto doutrinário ainda é mais frisante o antagonismo, porque certos dogmas católicos, como se sabe, são irreconciliáveis com a tese da reencarnação, que é a «pedra angular» da filosofia espírita. Logo, a expressão *espírita de qualquer culto* não deve nem pode ser interpretada como porta aberta para tôda e qualquer combinação religiosa: Espiritismo-Judaismo, Espiritismo-Catolicismo, Espiritismo-Islamismo, Espiritismo-Umbanda, Espiritismo-Positivismo etc etc. Pode-se muito bem ser católico, maometano, israelita e acreditar na comunicação dos espíritos, como se pode até ser médium e fazer caridade sem ser espírita. Não se pode ser espírita, doutrinariamente falando, quando não se aceita o essencial da doutrina, quando não há conformação integral com os princípios espíritas. Já se vê, portanto, que o fato de haver, no corpo da doutrina, uma lição em que se faz referência a espírita de *qualquer culto* não quer dizer que não haja definições restritivas ou que se possa adaptar o Espiritismo a qualquer forma de culto, por mais extravagante que seja.

Existem dois conceitos de *espírita;* o conceito popular ou corrente, que é genérico, e entende por espírita qualquer pessoa que acredite nas «manifestações do além» ou frequente sessões espíritas; o conceito doutrinário, que é específico, e só considera *espírita* quem, conformando-se com os princípios da doutrina, procura pautar por êles o seu proceder, segundo o pensamento de Allan Kardec. Decorrem daí naturalmente duas categorias. Temos os *adeptos* do Espiritismo, isto é, aquêles que já se integraram na doutrina, porque aceitam os princípios espíritas, não como «pontos de fé», mas porque se tornaram convictos, e temos os *crentes,* justamente porque são pessoas que crêm nas comunicações dos espíritos, têm os seus motivos íntimos de crença mas continuam com as mesmas idéias religiosas, porque ainda admitem «castigo de Deus», «céu e inferno», «infalibilidade papal» e outros ensinos católicos, frontalmente contrários à doutrina espírita. Diante disto, é o caso de perguntar: em que sentido pois, a doutrina se refere a espírita de *qualquer culto?* E' aí, precisamente, que se faz necessário procurar o *espírito* da doutrina, evitando a interferência das inclinações pessoais. Temos que apelar indispensavelmente para certas regras de interpretação. Será a doutrina contra-

ditória ? Se por exemplo, no cap. XXVII, encontramos uma alusão a espírita de qualquer culto, na Introdução da mesma obra básica *O Evangelho Segundo o Espiritismo* está dito textualmente que *O ESPIRITISMO ESTÁ ACIMA DE TODOS OS CULTOS PARTICULARES.* Outras traduções dizem de outro modo, com o mesmo sentido: «O Espiritismo está *fóra* de todos os cultos». Na tradução de Torrieri Guimarães (3.ª edição da LAKE, S. Paulo) a redação ficou assim: *O Espiritismo não tem nacionalidade, e é estranho a qualquer culto particular.* Seja como fôr, o pensamento é o mesmo, isto é, colocar o Espiritismo em posição equidistante no que diz respeito aos cultos *organizados* ou formalizados. Em diversas passagens a doutrina espírita desaprova o uso de sinais ritualísticos, hierarquia sacerdotal, exterioridades, enfim. No *Livro dos Espìritos,* quando trata da «Lei de adoração» (questão 653), a doutrina sintetiza o assunto, dizendo que *A adoração verdadeira é a do coração.* Nisto se resume tudo. O que vale é a intenção, é o sentimento. A *adoração,* que é um ato interior, não precisa, portanto, de nenhuma fórmula, de nenhuma convenção, nenhum elemento de culto exterior. Êste é o espírito da doutrina. Existem casos em que muita gente *ainda* necessita de objetos materiais para realizar a sua adoração a Deus, e tal procedimento não deixa de ser meritório e útil, desde que a intenção seja sincera. A doutrina faz ressalva, muito sensata, neste ponto (questão n.º 654). Todavia, o pensamento geral e concordante da doutrina é pelo culto natural ou interior, sem formalismos, sem ritual, isto é, o culto do sentimento ou da consciência.

Uma das conseqüências da doutrina, pela decorrência natural de seus ensinos, é colocar a criatura humana em condições de, gradativamente, pelo conhecimento e pela compreensão, desprender-se dos objetos de cultos: imagens, medalhinhas, talismãs, orixás, vestimentas litúrgicas etc. etc. Tudo isto, até certo ponto, ainda representa um valor respeitável em determinados estágios de cultura; para o espírita, porém, mas o espírita integrado na doutrina, nada disto é necessário, porque a sua noção de culto ou de adoração é toda ela subjetiva, isto é, mais interior do que exterior.

Então, como é que, a despeito de tudo isto, a doutrina emprega a expressão *espírita de qualquer culto,* dando margem a uma extensão, cujos resultados nem sequer podem ser previstos?... Haverá, nisto, alguma incoerência? Estará a doutrina espírita em contradição com o seu próprio pensamento fundamental?... Não. O que é necessário é não perder de vista a importância de três elementos relevantes em matéria interpretativa: *em primeiro lugar, o contexto, todo o capítulo e não apenas uma frase ou um período sôlto; em segundo lugar, a época e as circunstâncias.* Quem lê, portanto, *todo* o cap. XXVII, *d'O Evangelho Segundo o Espiritismo,* compreende logo que a preocupação, alí, é de chamar a atenção para o valor da prece, independentemente dêste ou daquêle credo religioso. Veja-se bem que êste ponto está entrosado com outro pensamento, outra concepção, justamente quando se lê, em capítulo anterior, a seguinte observação, nas «Instruções dos Espíritos»: *O verdadeiro espírita e o verdadeiro cristão são uma e a mesma coisa, pois todos os que praticam a caridade são discípulos de Jesus, qualquer que seja o culto a que pertençam.* (Capítulo XV, n.º 10, da mesma obra). Temos, aí, duas idéias amplas: a) a idéia de *cristão,* compreendida no sentido diferente da compreensão comum, porque o espírito instrutor fala em cristão de um modo indefinido, acima de igrejas e seitas, fazendo sentir que é cristão todo aquêle que pratica o princípio da caridade, *qualquer que seja o culto a que pertença:* b) a idéia envolvente de espírita e cristão, como sendo *uma e a mesma coisa.*

A lição induz ao seguinte raciocínio:

> se o instrutor considera cristão todo aquêle que cumpre a lei do amor, praticando a caridade, que é o denominador comum de todo o pensamento, é natural que, por decorrência lógica, o espírita seja cristão, no sentido de caridade.

Dentro dêste pensamento, ainda que o indivíduo seja israelita, católico ou islamita, ainda que pertença a esta ou

aquela igreja ou seita, se praticar a caridade, se fôr realmente bom, é *cristão*, no sentido amplo, porque cristão, aí, é sinônimo de bom, de caridoso. Já se vê que a lição tem em vista um conceito de cristão muito diferente. Cristão é aquêle que procura seguir os ensinos do Cristo, acima de igrejas e cultos, e os ensinos do Cristo, como todos sabem, se resumem no *AMOR*, que é a chave de todo o progresso espiritual. É nêste sentido, portanto, que se deve entender o ensino do Instrutor: o espírita e o cristão, na realidade, são *uma e a mesma coisa*. Não se trata, aqui, de cristão no sentido estrito de partidário de uma igreja, ou filiado a uma corrente religiosa.

Dentro desta concepção, que é a mais liberal possível, a seqüência do ensino generalizou a idéia e, por isso, falou indiscriminadamente em *espírita de qualquer culto*, considerando que *espírita* é sinônimo de *cristão*, e ser cristão, segundo o pensamento das citadas instruções, é fazer o bem, é ser humilde e honesto, é ter caridade no coração, como remate de tôdas as virtudes. Logo, não é nem poderia ser no sentido de ser cristão convencional, simplesmente porque pertence a uma denominação religiosa. Note-se que o conceito é amplo e não restrito. De acôrdo com êsse pensamento, um indivíduo pode não ser cristão ideològicamente, porque tem outras idéias religiosas (é o caso do judeu, do islamita, do positivista etc.), mas não deixa de ser cristão pelos atos, desde que pratique os ensinos do Cristo, ainda que não aceite a doutrina cristã. Muitas vêzes, nós, espíritas, dizemos que A ou B não é *espírita* porque não adota a doutrina, mas é um espírita de *fato*, porque o seu procedimento é de verdadeiro espírita. É uma questão apenas de extensão de conceito. Também se pode dizer, na mesma ordem de idéias, que certas pessoas são materialistas apenas ideològicamente, porque esposam a filosofia materialista, mas a verdade é que, nas ações, essas pessoas às vêzes são mais espiritualizadas, mais humanitárias, mais honestas do que muita gente, que vive por aí combatendo o materialismo e o ateismo. E não é verdade?... Quantas pessoas há, neste mundo, que condenam o materialismo, fazem questão de proclamar as suas convicções espiritualistas ou até *espíritas* (por incrível que pareça!), mas vivem agarradas às coisas da matéria, vivem a bem dizer escravizadas aos interêsses terrenos, chegando a deixar o lado espiritual da vida para o segundo plano?... E há, entre tais pessoas, quem ande rezando a tôda hora, de Evangelho na mão, mas o coração está voltado para as coisas terra-a-terra, enclausurado no egoismo. Teòricamente, não são materialistas, mas vivem como materialistas de fato. Ainda é pior!... Voltemos ao tema da lição.

Se, portanto, o Instrutor espiritual, quando se refere a *espírita de qualquer culto*, está visando à condição do homem que se identifica com o Cristo, pelas ações, porque o *cristão e o espírita são uma e a mesma coisa*, como se lê na outra lição, que é anterior, é claro que não pode caber, aí, a idéia particularista de um *culto* cristão, desta ou daquela forma. Então, *espírita de qualquer culto* é fôrça de expressão, cabendo a cada qual procurar o exato sentido, tendo em vista o pensamento do contexto e, não, apenas de uma frase, desligada dos outros elementos. Existe cristão-católico, que acredita no *inferno* e beija imagens; cristão-batista, que acredita na infalibilidade da Bíblia; cristão-pentecostal; cristão-adventista do 7.º dia, e assim por diante. São vários tipos de cristão, cada qual com o direito de professar a sua crença. Nenhuma dessas formas de ser cristão, entretanto, se ajustaria à natureza e ao caráter do Espiritismo. Logo, não se deve tomar literalmente a designação de *espírita de qualquer culto*, porque não é possível ser espírita e pertencer a qualquer um dêsses cultos, pois todos êles têm concepções e práticas, que não podem de forma alguma combinar com a doutrina espírita.

Até aqui, procuramos considerar aquela instrução espiritual do ponto-de-vista do contexto, que é uma das regras mais gerais de interpretação. Vejamos, agora, para terminar, os outros elementos, também importantes na tessitura interpretativa: a época e as circunstâncias. Na época em que surgiu a idéia de *espírita de qualquer culto* (Comunicação do espírito de V. Monod, 1862), em concordância com o pensamento de outra comunicação, dada por outra entidade, em 1860, considerando

espírita e cristão a *mesma coisa*, havia, ainda, muita dúvida e vacilação entre simpatizantes das idéias espíritas. O problema estava, principalmente, em conciliar as novas idéias, que eram de certo modo revolucionárias, com as velhas crenças, com os velhos cultos. Muita gente ficava em dificuldade, em verdadeiro conflito de consciência, desejando aceitar as idéias espíritas, que vinham lançar uma luz nova, mas tinha mêdo de romper com a velha fé ou abandonar o *culto* antigo, com os seus rituais, seus atrativos exteriores. Muitas das pessoas que estavam interessadas no Espiritismo queriam saber, a todo momento, se era lícito ou correto, para um cristão, acreditar nas comunicações dos espíritos e continuar em suas igrejas, com as mesmas idéias religiosas. E' bom não esquecer que, nos primeiros tempos, e é a doutrina codificada que nolo mostra, a idéia de *espìrita* ou espiritista ainda não estava nem poderia estar muito clara, notadamente para as pessoas que vinham dos diversos cultos organizados. Entendia-se por *espìrita* simplesmente aquêle que acreditasse nas manifestações dos espíritos, fôsse qual fosse o seu culto relígioso. Mais tarde, com a consolidação da doutrina, justamente quando se fizeram necessárias as definições exatas, o conceito de espírita deixou de ser entendido na acepção genérica ou indeterminada para ser pôsto nos têrmos que lhe são apropriados, como até hoje. Havia, inevitàvelmente, muita falta de precisão dos têrmos, como também muita vacilação, por motivos de fé. Eram problemas da época, nascidos das circunstâncias que se apresentavam naturalmente ao mentor espiritual. Foi, portanto, nessa época e diante de tais circunstâncias, que saiu aquela asserção, como que momentâneamente, para conciliar certas idéias e tranquilizar aquêles que ainda estavam na incerteza e encaravam o Cristo pelo prisma de sua fé.

Então, tendo em vista os três elementos acima citados *o pensamento geral do contexto, a época e as circunstâncias* em que foi ministrada a lição do mentor somos levados à conclusão de que *espìrita de qualquer culto* é fôrça de expressão, não é um conceito básico. E' finalmente, o que podemos dizer aos companheiros do «18 de Abril», esperando que outros, mais esclarecidos, tragam a sua contribuição. Temos, ainda nesta série de estudos doutrinários, um aspecto, relativo a traduções, em determinado capítulo da *Gênese*, de Allan Kardec, mas vamos deixá-lo para a próxima oportunidade, no outro estudo.

Análise de Sete Artigos Publicados sôbre Arigó

Prof. J. Herculano Pires

Da crendice humana ao estudo objetivo que não foi feito — Arigó à margem da Parapsicologia — O estranho mundo das suposições científicas

A série de artigos de autoria dos profs. Rui de Mello, Médico psiquiatra, e Cesário Morey Hossri, lente de psicologia da Universidade Católica de Campinas, sôbre o caso Arigó, foi apresentada pela agência que a difundiu, a «Ibrasa», como «um esfôrço de pesquisa, sinceramente realizado», e sem «nenhuma espécie de libelo ou ataque sistemático ou unilateral a qualquer pessoa, instituição ou crença». — Quem acompanhou, porém a leitura dêsses artigos, em sete edições sucessivas da «Folha de São Paulo», deve ter verificado exatamente o contrário. Os autores não apresentaram nenhuma espécie de pesquisa, mas simplesmente um libelo apaixonado contra Arigó, através de uma tentativa de interpretação psiquiátrica no caso, e um ataque sistemático, da primeira à última linha ao Espiritismo.

A cortina de títulos universitários e de cargos de currículo médico e escolar de ambos, com que a agência procurou justificar a divulgação dos artigos, nada encobriu, para os leitores dotados de senso crítico. Não obstante, como artigos de imprensa são lançados ao público em geral, e diante dos pedidos de esclarecimentos que nos são formulados a

respeito, daremos abaixo uma análise sucinta de tôda a série. Cada um dos tópicos numerados corresponde a um dos artigos publicados, pela ordem em que sairam:

1.º)—Os articulistas começam declarando êste objetivo: «elucidar um dos aspectos fundamentais da crendice humana.» Partem, portanto, de uma premissa já estabelecida, e não de uma hipótese de trabalho. Consideram-se senhores da verdade, para a qual pretendem conduzir os leitores através de «esclarecimentos». São «esclarecidos», falando a ignorantes. Nessa cômoda posição dedutiva, partindo apenas de seu ponto de vista particular, decretam que o caso Arigó é semelhante ao de Antonio Conselheiro, do Profeta da Gávea e da Santa Manoelina dos Coqueiros. A seguir, transcrevem — Felizmente com as devidas aspas — um trêcho de José Alves Garcia sôbre personalidades anormais, trêcho tão longo que lhes toma quase todo o espaço. Feita a citação acreditam haver provado que Arigó é «uma personalidade paranóica», o que afirmam com ênfase.

2.º)—O segundo artigo oferece ao leitor uma esperança de trabalho objetivo. Os autores dizem que foram a Congonhas (embora apenas um dêles o tenha feito) para: «estudar de maneira objetiva a natureza dos fenômenos». Logo mais, porém, passam a falar da vida do médium, e formulam a hipótese de que Arigó se transformou de político em curandeiro, em virtude de haver sido «frustrado politicamente» numa eleição municipal. Simples suposição explicativa.

3.º) — Temos agora a informação de que Arigó, «católico praticante», foi obrigado «a renegar sua crença religiosa, para realizar a prática do curandeirismo, alicerçada no baixo espiritismo e na mistificação». Repetem os articulistas a acusação de paranóia, mas admitem que o médium chegou «a convencer honestos e sinceros cientistas, adeptos do espiritismo». Esqueceram-se de dizer, porém, que Arigó pratica suas curas e operações há onze anos, cinco dos quais se manteve católico, aprovado por autoridades eclesiásticas. E ainda, que mesmo depois de aceitar a explicação espírita, continuou operando, até há poucos mêses, com um crucifixo nas mãos.

4.º) — A análise dos três tipos de pacientes que buscam Arigó, feita no quarto artigo, é um simples esquema, ligeiramente baseado em teorias psiquiátricas: os pacientes são «sugestionáveis», «menos sugestionáveis» e «frios». Nada mais a seguir, uma digressão sôbre a sugestionabilidade, e a explicação de que Arigó receita antibióticos em doses altas para evitar as infecções, fazendo portanto assepsia posterior e não-local. (Esqueceram-se os autores de que estavam diante de um problema de cirurgia e não de psiquiatria). Por outro lado, Arigó não receita antibióticos para todos os casos. Além disso, os autores acusam Arigó de provocar reações orgânicas nos doentes através de «agressões» que produzem a cura. E descrevem todo um suposto mecanismo da cura pela sugestão e pelo «impacto emocional», para terminarem afirmando, de maneira dogmática, que Arigó «absolutamente, não tem a propriedade da precognição». Mas não tem por que? Alguma pesquisa o provou? Não. Apenas porque os autores decretaram que êle não a tem.

5.º)— Por tocarem na precognição, passam os autores, no artigo seguinte, a explicar o que é Parapsicologia. Aceitam, então que: «Os curandeiros paranormais encontrados na França, Alemanha, Suiça, Inglaterra, etc., são submetidos à apreciação de junta médica», e que uma vez confirmadas as suas qualidades, são aproveitadas na terapêutica. Mas, como já haviam afirmado, desde o primeiro artigo, que Arigó era um espertalhão, afirmam, sem nenhum resultado de pesquisa que o médium de Congonhas do Campo não está neste caso, sendo apenas «um instrumento de fôrças econômicas políticas, e daí por diante até onde a imaginação possa alcançar. Para manter o teor científico dos artigos, passam os autores a discorrer longamente sôbre técnicas hipnóticas, letárgicas, de apucuntura e de kuastsu, que nada tem a ver com Arigó, nem Arigó com elas.

6.º) — Chegamos assim ao sexto artigo, sem que a menor prova de estudo objetivo, de pesquisa, tenha sido feita. Os autores pretendem provar então, que Arigó é um fenômeno ainda

não classificado pelas ciências, nem mesmo pela parapsicologia. Sim porque é um indivíduo que possui destreza, no manejo de facas, inteligência capaz de fácil assimilação de conhecimentos médicos, inclusive da prática de diagnóstico e receituário, aliados a agudo senso de exploração comercial. Uma espécie de gênio caboclo poliformo. Os autores afirmaram que Arigó desempenha suas estranhas atividades sem possuir nenhuma qualidade paranormal: «ministrando cerca de quatrocentas receitas por dia»! Parece-nos que os prof.s Rhine, Soal, Bjorkhem, Price, e tantos outros, que na Europa e na América, vem trabalhando há anos em pesquisas que se elevam, em certos casos, a trinta, cinqüenta e setenta mil experiências sôbre as chamadas «funções psi», teriam muito a aprender em Congonhas do Campo. Tanto mais que os autores afirmam que a inteligência de Arigó: «parece pouco superior ao índice médio». Como se vê, um caso realmente espantoso.

7.º)— O último artigo da série «Milagre ou farsa» é uma tentativa de interpretação sociológica do caso Arigó. Mas assim como não se realizou o Milagre de esclarecimentos «dos aspectos fundamentais de crendice humana», prometido no primeiro artigo, nem o milagre da pesquisa, prometido no segundo, também não se realiza o da interpretação sociológica. Os autores repetem as acusações de esperteza política feitas ao médium, referem-se a uma possível rêde de exploração do povo, sem nada provar, e acusam o Espiritismo. Voltam a usar a técnica da transcrição de trechos alheios servindo-se agora de uma alheia pesquisa, feita pelo prof. Cândido Procópio Ferreira de Camargo e divulgada em livro sério. Encerram suas digressões, lamentàvelmente destituidas de caráter científico, com a acusação gratuita de que o caso Arigó se carateriza: pela exploração econômica planificada da fé. Excluido o milagre, só restou a farsa.

E' pena que se trate assim, em nossa terra, um caso positivo de resultados já verificados por médicos especializados, que depuzeram a respeito com alto senso de responsabilidade. Como o fez por exemplo, o oftalmologista Sergio Valle, e como o fizeram outros, na televisão, inclusive com a exibição pelo próprio médico assistente, não espírita, de um processo de cura de câncer intestinal, seis vêzes operado, e que Arigó curou com uma receita. Foi êsse um caso comprovado, apresentado com documentação e testemunhas, e não disfarçado num contexto de pretensas explicacões teóricas. Estivemos presentes nos estúdios, quando médicos materialistas, não-espíritas, tomaram conhecimento do caso, discutindo-o com médicos-espíritas. Os autores da série se concentram em afirmar que Arigó, é curandeiro e explorador, sem nenhum exame de casos dessa natureza.

JESUS DOS 13 AOS 30 ANOS,
de Francisco Klörs Werneck

Com amável dedicatória, nosso irmão Klörs Werneck ofereceu em julho do ano passado, ao dr. Lauro S. Thiago, um exemplar desta obra cujo invulgar mérito está justamente em versar assunto de relevância para todos quantos se preocupam com as questões decorrentes do meditado e sereno estudo dos Evangelhos.

Ora, a respeito da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, os ditos Evangelhos nada dizem relativamente ao período de sua passagem pela terra, que vai dos 13 aos 30 anos: natural, portanto, que se façam investigações para saber o que acontecia a Jesus durante êsse longo período de sua existência.

Os que admitem a teoria, aliás alicerçada em insofismáveis experiências de materialização de espíritos, como as que foram feitas por William Crookes, com Katie King, materializações que Charles Richet e outros homens de ciência confirmaram, havendo até o fisiologista francês criado o termo de *Ectoplasmia* para configurá-las; os que admitem, dizíamos, a teoria do corpo fluídico de Jesus, satisfazem-se ple-

namente com a idéia de que o Mestre teria se conservado, durante êsse tempo, invisível aos olhos humanos, possivelmente ligado ao astral superior do nosso planeta para o cumprimento de alguma divina missão no plano espiritual, que não está ao alcance da inteligência dos homens saber de que natureza poderia ser.

Mas há os que não admitem essa teoria, entendendo que Jesus era de carne e ôsso, como qualquer mortal do nosso tipo, que é ainda assás inferior na escala evolutiva, para levar-nos a considerar tão elevado espírito sujeito às mesmas tremendas limitações a que estamos sujeitos, nós, os recem-vindos das últimas gerações do *pitecântropus erectus*... Para os que assim pensam, sobretudo para os que assim pensam, o trabalho de Klörs Werneck é de grande importância, porquanto explica de um modo plausível a ausência de Jesus do cenário da Palestina, adstrito que esteve, durante êsse período de tempo, ao cumprimento de missão análoga a que desempenhou entre os judeus, sem, entretanto, o deplorável ônus do martírio que sofreu entre os da sua nação! «Ninguém é profeta em sua terra» — Êle mesmo o dissera, cheio de tristeza!

O primeiro capítulo do livro, intitulado A VIDA DESCONHECIDA DE JESUS-CRISTO, dá assim a impressão de romance, forjado, adrede, para afastar dos judeus a responsabllidade pela condenação do Justo, com êsse objetivo fazendo-se até com que fôssem os «velhos juízes hebreus que lavaram as mãos», dizendo depois: «Somos inocentes da morte do justo», quando se sabe, pelos evangelistas, que êsse gesto quem o teve foi Pilatos. Não tem caráter algum de autenticidade tudo o que nêsse capítulo está bem forjado para desviar dos culpados a acusação que a História lhes faz. Trabalho ocioso, inútil, portanto!

Já o mesmo não se pode dizer com relação ao seguinte capítulo — A VIDA DE SANTO ISSA, do qual se infere que Jesus esteve, na época do seu afastamento da Palestina, no exercício de missão análoga à que desempenhou em sua pátria, noutras nações do Oriente, especialmente na Índia. Quanto ao ter sido iniciado nas doutrinas secretas dessas velhas nações, vai isso por conta dos que insistem em não atender à excelsitude espiritual do Cristo e à divina relevância da sua missão entre os homens do planêta terra.

Depõe magistralmente o autor, quando escreve: «Entre as lamasarias ocultas do Tibete e nos montes Himalaias podem se encontrar lendas e histórias concernentes ao admirável Mestre que certa vez visitou tais paragens e observou sua sabedoria e ciência secreta. Além disso, há tradições entre os bramanistas, budistas e zoroastristas que narram a história de um estranho instrutor que apareceu no seu meio, ensinou admiráveis verdades e levantou contra si grande oposição dos sacerdotes das várias religiões da Índia e da Pérsia, porque pregava contra a casta sacerdotal e o formalismo e também se opunha a tôdas as formas de distinções e restrições das castas sociais. E tudo está também de acôrdo com as lendas ocultistas que dizem que do seu vigéssimo até quase ao trigéssimo ano de idade, Jesus exerceu seu ministério entre o povo da Índia, da Pérsia e das terras visinhas, voltando finalmente, ao seu país natal onde foi ativo durante os últimos anos de sua vida. Assim, pois, vêdes que os ensinos ocultistas mostram que Jesus tem sido um instrutor mundial e não apenas um profeta judeu. O mundo inteiro foi seu auditório e todos os povos seus ouvintes». (JESUS DOS 13 AOS 30 ANOS, págs. 66 a 68, *passim).*

Em face de tão belo estudo, deixámos no final do livro, como de costume, a seguinte observação: Há em tudo isso, por certo, partículas de verdade histórica, em meio de um montão de conclusões cerebrinas. O que se pode, em verdade, inferir de tudo o que Klörs Werneck pôde compilar, é que Jesus também exerceu sua missão no Oriente longínquo, como se diz em têrmos de geografia,— o que é bem plausível. O mais é deficiência da noção que se deve ter da verdadeira personalidade de Mestre, que é a de Jesus.

Á proposição contida no final do livro, pág. 77—«Segundo Nicolau Notovitch, Jesus esteve em Djaguernat, na Índia, onde os Brâmas lhe ensinaram a doutrina dos Vedas, a medicina, a ma-

temática, etc.»—acrescentámos nós: ou, com mais propriedade, onde Jesus procuraria adoçar-lhes o caráter orgulhoso, dando-lhes o bom exemplo, que êles repeliram, de conviver com os párias...

Ainda à página 77 Klörs Werneck escreve com propriedade: «Apelemos para Lucas. Que diz êle em I, 80? «E o menino crescia e se robustecia em espírito. E esteve nos desertos até o dia em que havia de mostrar-se a Israel». Êsse deserto era tôda a parte que se estendia para o Oriente...

Um forte abraço ao nobre autor.

Philemon

Das Irmãs Fox a Arigó

Altivo Ferreira

OS derradeiros anos do segundo quartel do Século XIX foram abalados por fenômenos insólitos, que principiaram a produzir-se na aldeia de Hydesville, Condado de Wayne, no Estado de Nova Iorque, numa casa em que residiam os Weekmans. Eram pancadas e ruídos misteriosos, **rappings, noises** e **Knockings,** que, desde fins de 1844, passaram a perturbar a paz dos familiares e vizinhos, continuando após a saída do antigo dono e a entrada da Família Fox, em 11 de dezembro de 1847. Tais acontecimentos culminaram com os fatos ocorridos na histórica noite de 31 de março de 1848, quando a menina Kate Fox, de 11 anos, desafia a **fôrça produtora dos ruídos** a imitá-la e identificar-se, travando, então, diálogo com a entidade perturbadora, a qual diz ser o Espírito de Charles B. Rosma, naquela casa assassinado. A essa primeira conversação travada entre a garôta e a Espírito, outras se sucederam com a participação dos pais e assistentes. gerando esclarecimentos e investigações acêrca do mundo invisível. As Irmãs Fox—Kate e Margaret inscreveram-se nos anais do moderno espiritualismo americano e os fenômenos de Hydesville constituiram-se no marco incial de um movimento que culminaria com o advento da Terceira Revelação.

As batidas nas paredes, os arrastamentos de móveis, as mesas girantes e falantes, alastraram-se pelos países do Velho Mundo, provocando a curiosidade nos salões e na mente imaginosa da massa popular. Médiuns de faculdades espetaculares, como Daniel D. Home, os Irmãos Davenport, Florence Cook, os Irmãos William e Horace Eddy, Henry Slade, Eusápia Paladino, Mme. d'Esperance, Stainton Moses, foram surgindo na sucessão do tempo e nos mais distantes rincões, a produzir fenômenos que abalavam a opinião dominante nos meios científicos e religiosos. Comissões de investigadores constituiram-se para apurar a veracidade dos fatos e, se possível, desmascarar os embusteiros. Cientistas de grande envergadura, quais William Crookes, Alfred Russel Wallace, Sir William Barret, Sir Oliver Lodge e outros entregaram-se a demoradas pesquisas, concluindo pela autenticidade das ocorrências e identificando em seus agentes os Espíritos dos homens que morreram...

Foi dessa forma, socorrendo-se

de manifestações mediúnicas de efeitos físicos, que a falange do Espírito Verdade despertou a atenção do mundo e, principalmente, dos homens de ciência, para a realidade da Vida Espiritual. As comunicações de caráter inteligente, que sucederam aos raps e às mesas girantes, tiveram o condão de construir uma doutrina filosófica inspirada nos fatos e demonstrar as conseqüências morais e religiosas dela decorrentes. O trabalho de Allan Kardec, através da mediunidade psicográfica das senhoritas Baudin e Japhet, assim como de dezenas de outros médiuns, é responsável pela codificação dos novos princípios, que passariam a ser conhecidos sob a denominação de Doutrina Espírita ou Espiritismo.

Periòdicamente os Espíritos utilizam métodos semelhantes para acordar a mente humana, obnubilada pelas atrações da vida moderna, intoxicada pelo dogmatismo religioso ou materialista. Ora são os «milagres» de Lourdes, na França; ora, as comentadíssimas materializações de Belém do Pará, por intermédio da senhora Prado; ora, as curas realizadas no seio da Igreja, através de sacerdotes-médiuns, como Pe. Eustachio, Pe. Donizetti, e tantos mais; ora é Chico Xavier, servindo de «antena psíquica» (na feliz expressão de Newton Boechat) a belíssimos ensinamentos de Mais Alto; ora são fenômenos de materializações luminosas, pelos médiuns Peixotinho e Fábio Machado; ora, é José Arigó, caboclo mineiro, de limitadissima instrução, fazendo delicadas intervenções cirúrgicas, como instrumento mediúnico do Dr. Fritz...

De fato, o que vem ocorrendo em nossos dias, com o chamado «caso Arigó», é, a nosso ver, uma repetição sob outro aspecto dos acontecimentos de Hydesville. Havia necessidade de que os homens de pensamento e ciência dêste país tivessem abalada a fortaleza dos seus preconceitos com fatos transcendentes, de irrecusável autenticidade, a fim de se disporem a examiná-los com a mesma honestidade de propósitos com que agiram os sábios, do século XIX. E a mediunidade de José Arigó presta-se a isso!

As campanhas da imprensa diária, os depoimentos insuspeitos dos beneficiados pelas curas, as mesas-redondas na televisão, as comissões médicas que se organizam para investigar o fenômeno, são de molde a sacudir a indiferença abúlica das mentes cristalizadas em anacrônicos conceitos acêrca da vida de além-túmulo. O processo movido contra o médium de Congonhas do Campo, com as consequências jurídico-sociais dêle decorrentes, imporá, mais cedo ou mais tarde, uma revisão do Código Penal, ajustando-se-lhe o têxto repressivo à dinâmica dos fenômenos paranormais.

Condenado ou não, prosseguindo em suas operações ou deixando de fazê-las, Arigó será, para o Espiritismo de hoje, o que foram, Hydesville e as mesas girantes para o advento da Terceira Revelação.

O espírito humano não tem limites para a sua investigação e conhecimento. Até o próprio Deus será atingido, pois o nosso espírito é de origem divina.

A suprema sabedoria, para cada alma, será diretamente proporcional à evolução espiritual da Humanidade até se integrar na Eternidade do Tempo e na Imensidade do Espaço. — DR. ANTONIO J. FREIRE

Serões Bíblicos - IX

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Conclusão do Capítulo IX)

«Ouvindo estas palavras, Criton fêz sinal a um escravo que se achava perto; o escravo afastou-se; em seguida voltou com o carcereiro a trazer a taça de veneno. Disse-lhe Sócrates: «Meu bom amigo, como tendes experiência destas coisas, dizei-me como devo proceder». O carcereiro respondeu: «Ponde-vos a andar até sentirdes as pernas fracas; deitai-vos após e o veneno produzirá seu efeito». Ao mesmo tempo oferecia a taça a Sócrates, que, do modo mais natural e gentil, sem o menor mêdo, nem mudança de côr ou de expressão, olhando fixamente o carcereiro conforme era seu costume olhar os homens, tomou a taça e disse: «Que achais da idéia duma libação a algum deus, derramando um pouco desta bebida? Posso ou não fazê-la?» O carcereiro respondeu: «Nós, Sócrates, preparamos apenas a quantidade que julgamos necessária». «Compreendo, volveu o filósofo: mesmo assim devo pedir aos deuses que favoreçam minha viagem dêste mundo para o outro — e possa êste meu desejo, que será minha prece, ser atendido por êles». Então levando a taça aos lábios, bebeu ràpida e corajosamente a cicuta».

«Até êsse instante a maioria dos presentes conseguira dominar a própria dor; mas vendo-o beber o veneno e, depois, acabar de esgotar a taça, não mais nos pudemos conter; a despeito de meus esforços, o pranto borbotou-me dos olhos; cobri o rosto e chorei por mim mesmo. Pois não pranteava, certamente, por êle, e sim à evocação de minha desgraça de perder tal companheiro. Não fui o primeiro, pois Críton, sentindo-se incapaz de recalcar as lágrimas, levantou-se e retirou-se; eu acompanhei-o; e nêsse instante Apolodoro, que estivera a chorar todo o tempo, prorrompeu em altos soluços, que acabaram de fazer-nos fraquejar. Sócrates ùnicamente se mantenha calmo: «Para que tanto espalhafato? perguntou. Mandei que as mulheres saíssem, sobretudo para assim não procederem, pois ouvi dizer que um homem deve morrer em paz. Acalmem-se, e conformem-se». Ouvindo tais palavras, sentimo-nos envergonhados e represamos as lágrimas; e êle pôs-se a andar, até que, conforme disse, as pernas começaram a fraquear-lhe; deitou-se então de costas, de acôrdo com as instruções recebidas; e o homem que lhe dera o veneno, vez em vez observava-lhe os pés e as pernas; depois de algum tempo, apertou-lhe os pés com fôrça e perguntou-lhe se o sentia; Sócrates respondeu: «Não»; e em seguida apertou-lhe as pernas, cada vez mais para cima, e mostrou-nos que estavam frias e hirtas. E então Sócrates notou-lhes o estado e disse: «Quando o veneno chegar ao coração será o fim de tudo». Já começava a sentir frio o baixo ventre quando descobriu o rosto (pois o havia velado) e disse — e foram suas últimas palavras —: «Críton, devo um galo a Asclépio; não esquecer de pagar essa dívida». «Assim o farei, respondeu Críton. Mais alguma coisa?» Esta pergunta não obteve resposta; mas daí a alguns minutos viram-no estremecer. O carcereiro descobriu-o; tinha os olhos parados. Críton fechou-lhe as palpebras e a bôca».

— «Tal o fim do nosso amigo, a quem com verdade chamarei o mais sábio, o mais justo e o melhor de todos os homens que conhecí». (Lido, por Árago, em voz alta, da História da Filosofia de Will Durant, da pág. 31 a 33).

— Dêste modo, meus amigos, Sócrates podendo ter fugido e se salvado, preferiu a morte à vida; podendo ter vivido mais alguns momentos, abreviou o desenlace...

Hierão — Mas acontece que Sócrates era um filósofo; e eu já disse, de início que sobrupunha Cristo a Sócrates.

Árago — Com isso me queres dizer que devemos estudar também a morte de Cristo?

Hierão — Eu gostaria de vos ouvir discorrer sôbre êsse outro ponto.

Árago — Vamos, então, a êle:

— Quando José de Arimatéia pediu a Pilatos o corpo de Jesus, admirou-se muito Pilatos de que Cristo já tivesse morrido (Marc. 15, 44). Ora Pilatos estava acostumado com crucificações. Êle sabia, por experiência, que um homem pode ficar dias vivo na cruz. As vêzes era semidevorado pela águias antes de morrer. Mas Cristo morreu poucas horas depois de crucificado. Por que?

Hierão — Cristo foi açoitado antes da crucificação, o que lhe minou as energias vitais; e também pode ser que fôsse êle de compleição frágil.

Árago — Todavia Pilatos viu a Cristo; avaliou-lhe a saude e as fôrças. Para êle Cristo havia de parecer saudável, que do contrário não se admiraria de que morresse tão cedo. Além disso os dois ladrões também foram açoitados porque isto fazia parte da execução de condenados, «segundo observa Josefo expressamente duas vêzes» (Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 313). Tiro as conseqüências, como vêem, da mesma admiração de Pilatos.

— Os dois ladrões morreram no mesmo dia que Cristo, porque contra êles foi praticado o crurifragium. No outro dia era sábado, e por isso foram pedir a Pilatos mandasse quebrar às pernas aos condenados para que, em morrendo, fôssem retirados das cruzes (João 19, 31). E os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao segundo ladrão, porém de Cristo não se lhe quebrou osso algum, porque estava morto. Cristo morto e os ladrões vivos? por que?

— «De que morreu Jesus?» pergunta Werner Keller, e prossegue: «Investigações feitas nos últimos anos em Colônia têm procurado dar uma resposta a essa pergunta do ponto de vista médico. Se penduramos uma pessoa pelas duas mãos, o sangue desce com grande rapidez para a metade inferior do corpo. Seis a doze minutos depois a pressão arterial cai à metade e as pulsações duplicam. O coração recebe pouco sangue e o resultado é o desfalecimento. Em conseqüência da circulação sanguínea insuficiente no cérebro e no coração, dá-se ràpidamente um colapso ortostático. A morte na cruz é portanto um colapso cardíaco (insuficiência coronária)».

— «Afirma-se que os crucificados só morriam após dias na cruz ou ainda mais tarde. Muitas vêzes colocava-se no madeiro vertical da cruz um pequeno apôio para os pés, chamado «sedile» (assento) ou «cornu» (côrno). Se o crucificado em sua angústia se apoiava de vez em quando no sedile, o sangue subia de novo à parte superior do corpo e o princípio de desfalecimento desaparecia. Quando se queria acabar finalmente com o sofrimento do crucificado, recorria-se ao «crurifragium»: quebravam-se-lhe os joelhos a golpes de bastão. Então, não podendo mais apoiar-se nos pés, êle morria ràpidamente de insuficiência cardíaca». (Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 314-315).

— Cristo, pois, meus prezados companheiros de estudo, morreu quando bem entendeu, com se recusar a apoiar-se nos pés, como faziam os ladrões. Com ser mais inteligente, Cristo pôde observar que a morte de cruz se dava sempre após o crurifragium. Então aplicou a si mesmo o princípio do crurifragium dependurando-se nos cravos das mãos, com o que veio a morrer antes do tempo normal...

Hierão—Logo, mestre Árago, concordais com Bruco, em que o homem pode, por sua livre vontade, abreviar seus padecimentos?

Árago — Se estiver sob tortura imposta por outros homens, pela sociedade, pode; tal foi o que fizeram Jesus e Sócrates.

Hierão —Mas dar morte a si próprio chama-se, em bom português, *suicídio!* Irra! Teria Cristo se suicidado?

Árago — Dá o nome que quiseres, meu amigo; eu apenas examinei os fatos, e êstes nos levaram aí.

Hierão — Sabe lá, o prezado Mestre, as conseqüências morais e sociais dessa verdade?

Árago — Sei. Os que estiverem para ser torturados e assassinados por outros homens, poderão suicidar-se.

Hierão — E os que sofrem a tortura das doenças incuráveis, do câncer, por exemplo, acaso podem suicidar-se também? acaso podem os médicos aplicar a eutanásia a pedido ou não dos doentes?

Árago — Alto lá, Hierão! Eu não dei premissa para essas conclusões. No caso das doenças e do câncer funciona

outra justiça que não a caricata justiça humana, a qual mando Chilon escrever com «j» pequeno. Agora tu tocaste na Justiça com jota maiúsculo, ante a qual me curvo respeitoso... Uma é a justiça humana; outra a divina. Todo o julgamento humano não é um, mas, dois; um com que a justiça julga o réu, e outro com que a posteridade e Deus julgam a justiça. essa coisa convencional, humana e torta, cujo estudo não só absurdamente dão o nome da ciência, como ainda dizem ser direito... Cristo foi julgado e condenado e morto; julgado, condenado e morto foi Sócrates. Os tais cientistas do direito fizeram estas duas coisas tortas. E desde então a lei tem sido julgada e eu me rio dela. Uma justiça que é duas, uma para o rico que pode pagar, e outra para o pobre que o não pode, mostra bem ser pura invencionice da arte humana, e não ciência... É de Sócrates a elocução que diz:

«Assim eu me vejo condenado à morte por vós; vós, condenados de verdade, criminosos de improbidade e de injustiça. Eu estou dentro da minha pena, vós dentro da vossa». (Platão, Apologia de Sócrates, 78 — Atena Editôra).

— Infinitamente acima da lei humana está a Lei divina que se acha impressa na consciência do homem. Essa é a lei que devemos obedecer, como apregoava Sócrates. São as leis universais, leis cósmicas. Han Ryner escreve, como se fôra Antístenes:

— «Sócrates ensinava a ser homem e não a ser cidadão», diz o filósofo francês pela bôca de Antístenes. E mais: «A virtude se recusa a matar; mas tôda pátria exige que eu mate aquêle que ela chama inimigo. Se não consigo matá-lo hoje, é possível que amanhã êle se torne nosso aliado e a pátria exigirá que eu o auxilie a assassinar meu amigo de hoje».

— «Homens virtuosos ter-se-iam recusado a preparar a cicuta para Sócrates ou conduzí-lo à prisão. Mas os olhos da lei que lhes ordenava essas coisas, eram corrompidos».

— «A virtude não obedece senão à própria consciência. Nada tem a ver com as leis». (Apologia de Sócrates, 95 — Atena Editôra).

— Da justiça humana já dizia Vieira: «Que importa que saísseis escusado do tribunal, se o tribunal fica acusado? Passai pela chancelaria êste despacho, deixai-o por brasão a vossos descendentes, sereis duas vêzes glorioso». (Vieira, Sermões, 1, 227—Ed. das Américas). E noutro lugar: «Que importa que as mãos de Pilatos estejam lavadas, se a consciência não está limpa?» (op. cit. 1, 347). Mais: «Sempre a justica é zelosa contra os que podem menos». (Op. cit. 2, 52).

—Tal a justiça humana, em razão do que dizia Vieira serem mais de se temer os juizos dos homens que os de Deus; porque os julgamentos de Deus são justos, e se sou inocente não pago nada; não com os juizos dos homens, pois sendo injustos punem inocentes seja êle um Cristo, seja um Sócrates...

— Ora, se essa lei caricata me condena à morte por meio de torturas, mato-me. Todavia se a verdadeira Lei, a divina, me impôs um câncer, cumpre-me sofrê-lo até o último alento. Tal é como agiria se fôsse submetido a esta prova.

— Estás satisfeito, Hierão?

Hierão — Estou.

Árago — E tu Bruco, que me dizes.

Bruco — Essa Lei divina, imanente no Cosmo, que, como dizeis, se acha impressa na consciência do homem, a qual devemos obedecer, é a que se chama direito natural; são as regras e doutrinas emanadas do bom senso e da equidade. E por ser natural não foi o homem que inventou, sendo, portanto, o objeto da ciência do direito. Já o direito positivo não é mais que a interpretação que cada povo e nação dá do direito natural sôbre que se apoia. Êsse sim é da invenção humana, e por isso relativo no tempo e no espaço. O direito positivo é tanto mais perfeito quanto mais se identificar com o direito natural dentro do qual tende a desaparecer por assimilação.

Árago — E por quais dessas leis foram condenados Cristo e Sócrates?

Bruco — É claro que foi pelas leis do direito positivo que vigorava, respectivamente, na Palestina e em Atenas.

A'rago — Logo, Cristo e Sócrates foram com justiça executados como contraventores das leis do direito positivo vigentes em suas pátrias?

Bruco — Sim, foram. Êles perturbaram a ordem social. O escravo que foge ou incita outros a fugir é corrupto e corruptor, e por estas coisas puni-

do pelas leis que fazem legal a escravidão. O direito positivo visa o interêsse da classe dominante, isto é, do mais forte. É por isso que os gênios são massacrados; êles perturbam a ordem dos mais fortes. Cristo prègava a igualdade entre os senhores e escravos, no passo que Sócrates mandava obedecer à consciência ao invés de o Estado. Se Cristo voltasse hoje à terra a curar enfêrmos como fazia outrora, seria condenado à prisão por exercício ilegal da medicina... A lei não só é cega, mas asnática, pois permite ter um crucifixo nos tribunais que condenariam o mesmo Cristo por fazer hoje o que lhe era lícito fazer outrora.

Árago — Ou o gênio traz inovações ao estabelecido, ou não é gênio; se traz inovações é destruído em nome da lei conservadora que passa, como um rolo compressor, por sôbre as gentes; ai de quem se salientar!... êsse será compelido a meter-se no seio da massa amorfa de medíocres; e se resistir, morre. Não é mesmo assim, caro Bruco?

Bruco — Exatamente.

A'rago — Então desprezo essa lei que nivela homens, destrói gênios, avilta e mediocriza valores. Prefiro morrer com Sócrates e com Cristo do que aplaudir tal justiça caricata.

Bruco — Nisto estou plenamente de acôrdo convosco; e ainda vosso discurso abalou-me a convicção relativa a que me poderia suicidar em caso de moléstia incurável e fatal. Por sim ou por não, cumprirei a vontade de Deus, se, por Justiça sua, me sobrevier algum mal... não fugirei à corrigenda divina quando ela se me apresentar... Todavia êste assunto suscitou um outro que lhe é conexo.

Àrago — Qual?

Bruco — É se devemos ou não buscar a cura para nossos males visto que êles são correções impostas pela Justiça divina. Se a Lei divina me pune porque errei; não seria errado buscar eu safar-me da dor, curando-me? Neste caso, tôda essa medicina não seria um atentado contra a Justiça mais alta? Se não se pode atentar contra a justiça humana, contrariando a ordem social, como o fazer contra a vontade cósmica cujas leis, porque violadas, causam dor? E se não me curo da doença curável, e por isso venho a morrer dela, não serei, acaso, incurso no delito de suicida também?

A'rago — Grande questão propuseste Benedito Bruco, digna do esfôrço dos filósofos. Nós iremos cuidar dela, algum dia, querendo Deus. Mas isto não poderá ser nestes «Serões Bíblicos», porque fazer isto seria fugir ao tema a que nos subordinamos de comêço. Quando tu e Hierão me propusestes estudarmos êste tema, vi, de pronto, que êle se enquadrava no assunto maior, por causa da morte de Cristo. Agora, todavia, isto de saber se devemos ou não buscar a cura para nossas doenças, foge ao tema bíblico, podendo, quem sabe, enquadrar-se nalguma nova série de serões que não sei se virão. Praza a Deus que venham. Hoje porém, como já é tarde, vamos ficando por aqui.

Crônica Estrangeira

OS MORTOS FALAM

Comunicação espontânea de João Reynaud na Sociedade Espírita de Paris

Meus amigos: como é esplêndida esta nova vida! Semelhante a luminosa torrente ela arrasta em seu curso imenso os Espíritos inebriados pelo infinito! Passei das sombras da matéria à aurora brilhante que faz antever o Onipotente.

Após a rutura dos laços materiais, abrangeram meus olhos novos horizontes, e eu vivo e desfruto as maravilhas suntuosas do infinito. Salvei-me, não pelo mérito dos meus serviços, mas pelo conhecimento do princípio eterno que me fêz evitar as nódoas produzidas pela ignorância da pobre humanidade. A minha morte foi abençoada, apesar de os meus biógrafos, os cegos, a julgarem prematura! Lamentaram alguns escritos nascidos da poeira, e não compreende-

ram nem compreenderão o quanto o silêncio em tôrno do recém-fechado túmulo é útil à causa do Espiritismo.

A minha tarefa estava terminada; os meus predecessores seguiam na rota; eu atingira o apogeu no qual o homem, depois de dar o que de melhor possuia, não faria mais que recomeçar. A minha morte reaviva a atenção dos letrados, encaminhando-a para a minha obra capital, atinente à grande questão espírita que êles fingem desconhecer, mas que muito breve os empolgará. Glória a Deus! Ajudado por Espíritos superiores, que protegem a nova doutrina, serei um dos exploradores que balizam o vosso roteiro.

—

Outra comunicação espontânea

O Espírito responde a uma reflexão sôbre sua morte inesperada, em idade pouco avançada, o que a muita gente surpreendeu.

«Quem vos disse que a minha morte não seja, de futuro e por suas conseqüências, um benefício para o Espiritismo?

«Notaste, meu amigo, a marcha que segue o progresso, a direção que toma a crença espírita? Primeiro que tudo deu-lhe Deus as provas materiais: movimento de mesas, pancadas e tôda sorte de fenômenos, para despertar a atenção.

«Era um como que prefácio divertido. Os homens precisam de provas tangíveis para crer. Agora é muito diferente o caso. Depois dos fatos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à razão fria; não são mais efeitos físicos, porém, coisas racionais que devem convencer e congregar todos os incrédulos, mesmo os mais teimosos. E isto é apenas o comêço: Tomai bem nota do que vos digo: — Tôda uma série de fenômenos inteligentes, irrefutáveis, vão seguir-se, e o número já tão grande dos adeptos da crença espírita vai aumentar ainda. Deus vai insinuar-se às inteligências de escól, às sumidades do espírito, do talento e do saber. Será como um raio de luz a expandir-se, a derramar-se por sôbre a Terra inteira, qual fluido magnético irresistível, arrastando os mais recalcitrantes à investigação do infinito, ao estudo dessa admirável ciência que tão sublimes máximas nos ensina.

«Vão todos agrupar-se em tôrno de vós e, fazendo abstração do diploma do gênio, tornarem-se humildes e pequenos para aprender e para crer. Depois, mais tarde quando estiverem instruidos e convencidos, servir-se-ão da sua autoridade e notoriedade para levar mais longe ainda, aos seus últimos limites, o fim que vos propusestes — a regeneração da espécie humana pelo conhecimento racional e profundo das passadas existências. Eis aí a minha opinião sincera sôbre o estado atual do Espiritismo».

(De O «Semeador») — Extraído de «O Céu e o Inferno» — Allan Kardec.

DESCOBERTA DE UM CADÁVER EM SONHO

De «La Revue Spirite»

«Clifford Senal, de seis anos, filho do Juiz Clifford, de Kenton, desapareceu. Procuraram o menino por tôda parte, sem resultado.

Dia seguinte ao desaparecimento, foi chamado um médico para socorrer a mãe do menino, que se achava muito mal devido a um sonho que tivera à noite. Ela contou ter sonhado várias vêzes que seu filho caira num tanque cheio de água. O menino deseperado agitava os braços pedindo socorro, mas como alí não havia pessoa para salvá-lo pereceu afogado. O pai pensou ter sido o sonho o resultado de uma superstição em que se achava referida senhora, mas ordenou que se procurasse o menino. Não se sabia mais onde procurá-lo, quando um soldado teve conhecimento do sonho, e também foi em busca da criança. Duas horas depois êle descobriu o cadáver do pequeno Clifford num tanque cheio de água por fortes chuvas que tinham caído. O menino fôra encontrado a dois metros de profundidade e perecera miseràvelmente».

Tôda imprensa inglêsa noticiou o fato.

Espiritismo no Brasil

MOVIMENTO ESPÍRITA DE DUQUE DE CAXIAS - (RJ)

Estiveram reunidos sob os auspícios do Grupo Espírita Joana Darc, entidade filiada à União Municipal Espírita de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, caravanas ou representantes das uniões municipais de Petrópolis, Magé, São João de Meriti, Nilópolis e Nova Iguaçu.

A solenidade teve por fim uma aproximação mais íntima da Federação Espírita do Estado com as uniões municipais e ocorreu no dia 19 de agôsto findo.

Na oportunidade, proferiu uma palestra sôbre a Doutrina o confrade dr. Floriano M. Perez, Presidente da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, que compareceu com os companheiros Norberto Boechat e José Medina dos Santos.

O encontro teve, igualmente, a finalidade de fundar a União Social Espírita do Estado, vinculando e deixando sob a direção da Federação estadual já existente, o trabalho uninista programado pelo admirado companheiro Newton G. de Barros, de Nova Iguaçu.

A solenidade foi aberta pelo Presidente da União de Caxias, sr. Antônio Emídio dos Santos, que passou a palavra ao companheiro Ademar Duarte Constant para recepcionar os visitantes e a êles explicar os objetivos da nobre tarefa.

Ao final dos trabalhos, fizeram recitativos acompanhados pelo violonista exímio que é Norberto Boechat, da UMENI DE NITERÓI.

Reagrupada a União Espírita de São João de Mereti

A União de São João de Mereti estava inativa desde a sua fundação. Estimulada por alguns dirigentes de Caxias, ressurgiu esperançosa de uma proveitosa reunião promovida no C. E. Amor e Verdade, assumindo sua presidência provisória o companheiro Francisco Gonçalves Santos. A nova diretoria foi completada pelo sr. Romeu de Oliveira Carvalho como Vice-Presidente; Ricardina de Souza Aracy como Secretária e Sebastião Chaves como Tesoureiro.

A diretoria foi empossada no ato da eleição, presentes vários presidentes de entidades kardecistas do município, substituindo antiga Liga ou Coligação Espírita, cuja existência fôra acéfala.

Na oportunidade, a nova união integrou-se à Aliança Regional de Uniões Espíritas da Baixada Fluminense.

Concentração Espírita em Caxias das Uniões de todo o Estado do Rio

Começando em novembro, com reuniões aos sábados, em Nova Iguaçu, para a apreciação dos livros básicos da Doutrina codificada por Kardec e também para a organização da União Social do Estado a ser dirigida pela Federação, o primeiro congresso espírita fluminense do Estado do Rio de Janeiro terminará em Caxias, no dia 9 de dezembro de 1962, data em que serão oficialmente inauguradas as sedes da ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA CAIRBAR SCHUTEL e a Escola primária gratuíta ABRAHAM LINCOLN, fundada pela referida entidade espírita.

Será orador principal, no encerramento, o confrade ABEL MENDONÇA, de Salvador, Bahia, especialmente convidado. Deverão comparecer caravanas dos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná etc., além dos confrades fluminenses e cariocas.

A nova casa de Cairbar uma vez concluida, representará um patrimônio de 6 milhões de cruzeiros. Foi construida graças à benemerência de todo o povo duquecaxiense e também carioca, levando precisamente 2 anos para ser realizada. Essa futurosa e dinâmica entidade vem dando gratuitamente ao povo, além das 300 matrículas escolares, também assistência médico-dentária.

Reeducação e Cultura

A convite do Presidente do núcleo espírita de Coelho da Rocha, da Cru-

zada Espírita Suburbana, esteve naquela casa kardecista o confrade Ademar Duarte Constant, Presidente da Associação Espírita Cairbar Schutel, de Duque de Caxias. Depois de proferir breve palestra, cedeu a palavra ao sr. Manoel Max das Dôres, Presidente da Mansão Divino Pastor, que o acompanhou, bem como o sr. Olimpio Corrêa, àquela visita de confraternização.

Os cruzados de Coelho da Rocha (São João de Mereti), se reunem à rua Belkins, 542.

A. Constant

agôsto, 24-62

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 4 de agôsto de 1962

À hora regimental e com a presença de Conselheiros em número legal, profere o Presidente do Conselho a prece inicial e declara abertos os trabalhos. É lida e aprovada a ATA da reunião anterior, passando-se ao expediente, em o qual são lidas comunicações de renovação de poderes das Federações de Santa Catarina, São Paulo e Pernambuco.

PARÁ — O Conselheiro Ramiro Gama, representante da União Espírita Paraense noticia a volta à circulação do órgão oficial da UNIÃO—«A REVELAÇÃO», e ainda a promissora atuação da Mocidade Espírita Legião do Bem e do LAR DE MARIA, no trabalho de difusão e propaganda da Doutrina, pela palavra escrita e falada, com notável assistência pública.

ESTADO DA GUANABARA — O Conselheiro Aurino Souto apresenta relatório das atividades da Liga Espírita da Guanabara, no período de 1961 a 1962.

Foram examinadas e discutidas uma por uma as Conclusões a que chegaram os confrades que se reuniram, em abril do corrente ano, no «Simpósio Centro-Sulino» realizado em Curitiba. As deliberações foram aprovadas por unanimidade e serão levadas ao conhecimento das Sociedades que tomaram parte no citado Simpósio, para o que foi fornecida ao Conselheiro Carlos Jordão da Silva cópia das referidas deliberações do Conselho, o qual, pela palavra do seu presidente, louvou o esfôrço e a abnegação dos companheiros que colaboraram para o bom êxito dos trabalhos daquêle Simpósio.

Feita a prece final pelo representante da Federação Espírita Catarinense, encerra o presidente a reunião, às dezesseis horas.

Editora Espírita criada na Capital

No dia 12 de agosto p. p., reuniu-se um grupo de abnegados irmãos, com a finalidade de fundar na cidade de São Paulo, uma *editora*, destinada a dar à luz da publicidade não apenas obras espíritas mas, também, obras que, por seu alto valor cultural, moral ou artistico, possam contribuir para o progresso espiritual dos homens.

Ainda em fase de organização deverá instalar-se neste mês, sob a forma de SOCIEDADE ANÔNIMA, com o capital inicial de Cr. $ 500.000,00, formado por (mil) ações de Cr.$ 500,00.

O principal aspecto desta emprêsa é o de ser seu lucro liquido total revertido em favor de sociedades espíritas beneficentes.

Quaisquer informações ou mesmo sugestões que alguns irmãos nos queiram dar ou pedir, poderão ser dirigidas para os seguintes endereços;

Dr. Manoel Alide de Oliveira, rua Catumbi, 950 — Conj. 14 — Apto. 2. Belenzinho-Capital.

Dr, Milton Cardoso Arêa Leão, rua Brito Peixoto, 213 Brooklin Paulista-Capital.

Osvaldo Barroco, avenida Adolfo Pinheiro, 5.126 Brooklin Paulista-Capital.

Se pensas que tudo fica resolvido com a morte, enganas-te, pois que estamos sujeitos à lei da reencarnação, para o progresso do nosso Espírito.—José Brígido.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Seara dos Médiuns
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
Lázaro Redivivo
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
O Evangelho em casa
O Espírito da Verdade
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

50 Anos depois
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

História de Cristo para as crianças
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$350,00

Semestre — „ „ 180,00

NÚMERO AVULSO CR.$32,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo :

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

LIVRARIA EMMANUEL — Rua Quintino Bocaiuva, 161

8931CL PA 820 Group
02-06-07 32180 XL

FOR LIBRARY USE ONLY

Digitized by Library of